

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Marcelo Hass Riboni

**INDEXAÇÃO DE IMAGENS: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo**

Porto Alegre

2019

Marcelo Hass Riboni

INDEXAÇÃO DE IMAGENS: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo

Monografia realizada como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Com orientação do professor: Rene Faustino Gabriel Junior.

Porto Alegre

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

**FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Coordenadora: Jeniffer Alves Cuty

Coordenadora Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA BIBLIOTECOMIA**

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP – Catalogação na Publicação

Riboni, Marcelo Hass  
Indexação de imagens: Museu de Porto Alegre Joaquim  
José Felizardo / Marcelo Hass Riboni. -- 2019.  
86 f.  
Orientador: Rene Faustino Gabriel Junior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Imagem fotográfica. 2. Banco de imagens. 3.  
Indexação de Imagens. 4. Sistema de Recuperação de  
Informação. 5. Museu. I. Faustino Gabriel Junior,  
Rene, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**  
Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde  
Bairro: Santana, Porto Alegre/RS. CEP: 90035-007  
Telefone: (51) 3308.5067  
E-mail: [fabico@ufrgs.br](mailto:fabico@ufrgs.br)

Marcelo Hass Riboni

INDEXAÇÃO DE IMAGENS: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo

Monografia realizada como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Com orientação do professor: Rene Faustino Gabriel Junior

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior (Orientador).

---

Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt (Examinadora).

---

Bel. Leonardo Bono (Examinador).

Dedico este trabalho árduo a minha família, que me deu todo suporte.

A minha esposa, que sempre esteve ao meu lado.

Acima de tudo, agradeço estas pessoas por estarem sempre me dando forças  
e nunca me deixando desistir. Obrigado!

*“Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.”*

Manoel de Barros<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel. **Ensaio fotografico**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por concluir mais essa etapa da minha vida.

Agradeço à minha família, meus pais e minha irmã, por tudo que fizeram por mim, inclusive possibilitando os meus estudos na Faculdade.

Agradeço a UFRGS e a FABICO por se tornarem minha segunda casa, durante os meus estudos, como graduando.

Aos membros da turma 2012/2, pelo apoio e amizade ao longo dessa caminhada.

À minha esposa, pelo carinho, compreensão, amor e todo apoio nesse processo. Sem o seu apoio, teria sido mais árduo trilhar esse caminho.

Agradeço imensamente meu professor orientador pelo suporte e por passar seu conhecimento os nossos encontros, Professor Dr. Rene Faustino Gabriel Junior.

Aos examinadores que compõem a banca, Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt e Bel. Leonardo Bono, pela disposição de tempo e atenção para com esta pesquisa.

Aos bibliotecários que me orientaram, sempre com muita ética e profissionalismo, durante a minha passagem nos estágios, onde aprendi muito ao longo da faculdade. Os quais lançaram as bases para o profissional que serei, como bibliotecário.

A toda equipe profissional, responsável pela organização e pela recuperação do acervo fotográfico, do Museu de Porto Alegre Joaquim Jose Felizardo, principalmente a Rosângela Broch Veiga e Karina Santos, pela disposição em colaborar com essa pesquisa.

Muito Obrigado!

## RESUMO

Estudo sobre indexação, quanto à análise de descritores das imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Realiza uma pesquisa de natureza aplicada, identificando o Museu de Porto Alegre. Relaciona por meio de uma pesquisa documental, os descritores das fotografias com a metodologia de análise de imagens fotográficas, proposta por Manini (2002). Os dados foram coletados e analisados, identificando quais são as necessidades de organização de imagens do acervo fotográfico e quais categorias informacionais da metodologia foram mais contempladas. Constatou-se dificuldades de padronização dos dados nos metadados do software Donato 3.2, quanto aos descritores, devido ausência de uma política de indexação e metodologia de análise de imagens fotográficas. Conclui-se que a indexação realizada no acervo estudado não contemplou todas as categorias informacionais da metodologia de indexação específica (metodologia de análise fotográfica, de Manini). Aponta a necessidade de adoção de metodologia de análise de imagens fotográficas e a atualização constante dos profissionais responsáveis pela indexação do acervo fotográfico, estudado. Sugere a realização de mais pesquisas sobre o tratamento técnico para os acervos fotográficos, bem como propor um modelo de política de indexação.

**Palavras-chave:** Imagem fotográfica. Banco de imagens. Indexação de Imagens. Sistema de Recuperação de Informação. Museu.

## ABSTRACT

This study analyzes the description methods used in photographic images from Porto Alegre Joaquim José Felizardo Museum. It is based on an applied research identifying the Porto Alegre Museum. Using secondary data analysis, the study correlates the photography descriptors with the methodology for analyzing photographic images proposed by Manini (2002). Data was collected and analyzed to identify the current gap in the organization of photographic images and also to identify which informational categories from Manini's framework were more frequently present in the collection. The research was faced with difficulties in data standardization through the software Donato 3.2 regarding image descriptors, due to the lack of consistent indexing policies and methodologies around photographic images analysis. The study concludes that the indexing methodology used at the analyzed collection does not include all the informational categories proposed by Manini's framework. It suggests the need to adopt a consistent framework for image indexing as well as invest in continued education for the employees responsible for indexing activities at the museum. Furthermore, this study suggests that additional research could be made regarding technical treatment of photographic collections and indexing policies framework.

**Keywords:** Photographic image. Data base. Image indexing. Information Retrieval System. Museum.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da representação de documentos.....	20
Figura 2 - Registro da construção da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá (1880-1884).....	29
Figura 3- Inauguración del Puente Victorino de la Plaza.....	31
Figura 4 - FORAS DA LEI: O estereótipo latino no filme Cisco Kid.....	32
Figura 5 – Morguefile: banco de imagens gratuito .....	33
Figura 6 - Fachada do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo .....	34
Figura 7 - Interior do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.....	35
Figura 8 - Sala de pesquisa da Fototeca Sioma Breitman .....	36
Figura 9 – Ficha de catalogação do Donato 3.2.....	43
Figura 10 - Roscas de polvilho, escravos libertos .....	48
Figura 11 – Mercado Público, vista do Largo do Paraíso .....	49
Figura 12 – Mercado Público.....	50
Figura 13 – Retrato de Senhor .....	52
Figura 14 – Retrato .....	53
Figura 15 - Exposição Estadual de 1901: Pavilhão Uruguaiana.....	55
Figura 16 – Retrato em grupo .....	56
Figura 17 – Níveis da metodologia de análise documentária de imagens.....	58
Figura 18 – Vista da Rua Voluntários da Pátria, esquina com a praça XV.....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias de descrição de imagens .....	24
Quadro 2 - Método de indexação de imagens.....	24
Quadro 3 – Metodologia de Manini para análise de imagens fotográficas.....	25
Quadro 4 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	39
Quadro 5 – Presença de descritores por categorias, da Metodologia de Manini (2002) .....	47
Quadro 6 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	48
Quadro 7 - Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	49
Quadro 8 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	51
Quadro 9 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	52
Quadro 10 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	54
Quadro 11 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	55
Quadro 12 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	57
Quadro 13 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002) .....	58
Quadro 14 – Grade de análise documentária de imagens fotográficas .....	61

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
1.1 Identificação do Problema e Justificativa .....	13
1.2 Objetivos da Pesquisa .....	13
1.3 Objetivo Geral .....	14
1.4 Objetivos específicos .....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Museu: um breve histórico.....	15
2.2 A Imagem Fotográfica.....	17
2.3 Indexação: conceitos e representação de imagens fotográficas .....	19
2.4 Sistemas de Recuperação de Informação e os tipos de Banco de Imagens fotográficas .....	26
2.4.1 Banco de imagens de bibliotecas.....	29
2.4.2 Banco de imagens de instituições de preservação .....	29
2.4.3 Banco de imagens de jornais .....	30
2.4.4 Banco de imagens de revistas .....	31
2.4.5 Banco de agências de imagens .....	32
2.4.6 Banco de imagens de agência de notícias e imagens .....	33
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO .....	34
4 METODOLOGIA DO ESTUDO .....	37
5 RESULTADOS .....	40
5.1 Questionário aplicado junto à Arquivista do Museu de Porto Alegre .....	40
5.2 Descritores: exame por categorias da metodologia específica .....	46
5.2.1 Categoria Quem/O que .....	47
5.2.2 Categoria Onde .....	50
5.2.3 Categoria Quando.....	51
5.2.4 Categoria Como .....	53
5.2.5 Categoria Sobre .....	54
5.2.6 Categoria Dimensão Expressiva .....	56
5.3 Metodologia de análise documental para imagens fotográficas .....	57
5.3.1 Aplicação dessa metodologia em um caso concreto.....	59
6 CONSIDERAÇÕES .....	63
REFERÊNCIAS .....	66
APÊNDICE A – Questionário aplicado ao Museu de Porto Alegre.....	71
APÊNDICE B – Termo de Consentimento .....	72
APÊNDICE C – Análise qualitativa dos descritores das fotográficas selecionadas ..	73
ANEXO A – Termo de Concessão de Fotos do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.....	83

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização humana, a imagem é um mecanismo de comunicação e transmissão de informação, mais antigo que a escrita. Antigamente, o homem primitivo utilizava a imagem para registrar nas cavernas, templos sagrados e tumbas, como a dos egípcios, os seus hábitos, suas experiências ou relatos de vida. A imagem se refere e representa a figura de algo ou de alguém por meio de técnicas de pintura, de desenho, de fotografia e de outros. No período da Revolução Industrial, surge a imagem fotográfica, oriunda de processos químicos e físicos, para retratar pessoas, paisagens e objetos, com maior precisão realista. Com o passar do tempo, várias descobertas aperfeiçoaram a fotografia como ela é conhecida atualmente (TONELLO; MADIO, 2018).

A parte mais significativa da análise documentária é a indexação, a qual consiste em analisar o documento, extrair os seus conceitos e transcrevê-los para uma linguagem documentária. Quando se trata de indexação de fotografias, este processo torna-se mais complexo, pois é mais difícil extrair os descritores ou palavras-chave desse tipo de documento.

As tecnologias, como bancos de imagens ou sistemas de recuperação de informação, facilitam a organização da informação e exigem dos profissionais técnicas de tratamento informacional, cada vez mais aprimoradas, visando à recuperação relevante de documentos. A literatura sobre o tema indexação de imagens fotográficas ainda é incipiente. Tais estudos resultam em metodologias e recomendações que servem de base para análise de outros contextos.

Quanto ao acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Jose Felizardo, a pesquisa tem como metodologia um estudo documental, baseado na identificação das necessidades de organização desse acervo, bem como os descritores das fotografias selecionadas.

Para tal, utilizou o referencial teórico sobre o museu, a fotografia, os sistemas de recuperação de informação, os tipos de bancos de imagens, a indexação de imagens fotográficas, sob a luz da metodologia de Manini (2002). Alguns autores foram utilizados: Tonello e Madio (2018), Saracevic (1996), Rodrigues (2011), Fujita (2003), Manini (2002) e outros.

## 1.1 Identificação do Problema e Justificativa

As fotografias são uma fonte de informação relevante para a geração de conhecimento e, no âmbito da Ciência da Informação, a prática de indexação ou análise documentária de imagens fotográficas consiste no uso de normas e de conceitos, a fim de obter os termos relevantes para organização e recuperação das fotografias, disponíveis em acervos ou bancos de dados (MANINI, 2002).

Devido a isto, esse estudo será feito no acervo fotográfico, pertencente ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Esse acervo também é denominado de Fototeca Sioma Breitman, a qual tem relevância histórica para a cidade de Porto Alegre e para o Estado do Rio Grande do Sul, possui fotografias de diferentes aspectos da cidade ao longo dos séculos XIX e XX. O Museu também conta com fotografias de profissionais renomados com Virgílio Calegari, Lunara, Barbeiros & Irmãos, Sioma Breitman e Irmãos Ferrari. Além disso, até o momento, não há estudos sobre a indexação de imagens fotográficas desse Museu.

A maioria dos museus enfrentam dificuldades financeiras, de estrutura física e de recursos humanos, as quais interferem diretamente nos processos referentes à indexação e à recuperação das coleções fotográficas. Assim, nem sempre é possível os museus disponibilizarem os seus acervos fotográficos para consulta, tal como *on-line*. Logo, pretende-se com esta pesquisa colaborar com estudos emergentes sobre indexação de imagens fotográficas, em museus, de cunho histórico, assim como no acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, de modo a contribuir com os processos de indexação e recuperação da informação em sistema *on-line* no futuro.

Deste modo, o presente trabalho teve como problema de pesquisa o seguinte questionamento: a indexação de imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo contempla os requisitos definidos pela literatura?

## 1.2 Objetivos da Pesquisa

Os objetivos que nortearam essa pesquisa foram apresentados a seguir.

### **1.3 Objetivo Geral**

Investigar a indexação realizada no acervo de imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, de acordo com os requisitos definidos pela literatura.

### **1.4 Objetivos específicos**

Foram os objetivos específicos deste trabalho:

- a) Identificar as necessidades de organização de imagens do acervo fotográfico.
- b) Analisar os descritores atribuídos durante o processo de indexação, mediante metodologia de análise de imagens fotográficas específica;
- c) Propor uma metodologia para indexação de fotografias de acordo com as necessidades de indexação do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.
- d) Validar o modelo proposto

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentou-se o referencial teórico sobre o museu, a imagem fotográfica, indexação, indexação de imagens fotográficas, sistemas de recuperação de informação e os tipos de banco de Imagens fotográficas.

### 2.1 Museu: um breve histórico

Na Grécia, o “museu” ou “casa das musas” era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado ao saber filosófico. As musas, na mitologia grega, eram as filhas que Zeus gerara com Mnemosine, a divindade da memória. As musas, donas de memória absoluta, imaginação criativa, com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens esquecerem as suas ansiedades e suas tristezas. Assim, o museu era um local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento criativo, liberto das aflições do cotidiano, poderia se dedicar às artes e às ciências (SUANO, 1986).

Entretanto, os museus, no passado, eram locais restritos e mantidos por determinadas pessoas, que tinham, na época, prestígio, onde só quem recebia convites para exposições tinham acessos tais obras. Posteriormente, os museus se tornam aberto ao público em geral e mantêm caráter educativo. Os quais têm a missão de recuperar, salvaguardar, preservar e disseminar a memória coletiva adquirida a parti de toda trajetória percorrida pela sociedade, representada por meio de seus objetos (PINHEIRO; PEREIRA; CARNEIRO, 2012).

Já o Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2009) concebeu a seguinte definição sobre museu:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.

O Museu, como um espaço sem fins lucrativos e aberto ao público, faz conexão entre ciência, cultura e lazer, tendo como função informar e educar por meio de exposições permanentes, atividades recreativas e outros.

O museu, além de ser responsável pela geração de conhecimento, centraliza os saberes científicos. Pois, não basta somente guardar os objetos, mas tem que

viabilizar a pesquisa ou estudo permanente sobre eles. Compete aos pesquisadores inserirem esses os objetos, como fontes históricas (CARLAN, 2008).

O estudo, como um olhar crítico entre a relação homem, objeto e espaço, origina a memória e o patrimônio cultural. Os objetos dos museus, como documentação museológica, são um conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e a representação destes por meio de palavras ou de imagens:

Os objetos de museus, como quaisquer outros documentos, têm informações e representam um momento da atividade humana ou um registro da natureza. São fontes de pesquisa e assumem dentro da instituição um papel voltado ao conhecimento e ao estudo, já que mostram uma realidade deslocada de seu lugar original. Por isto, devem ser tratados, contextualizados, catalogados e classificados adequadamente (ALBUQUERQUE, 2012, p.218).

Para tanto, a fim de manter a informação contida nesses objetos, os mesmos devem ser tratados, contextualizados, catalogados e classificados adequadamente. Assim, a pesquisa serve de sistema de recuperação de informações, do passado, e importante para o resgate cultural de uma sociedade.

Grande parte dos museus brasileiros são públicos e relacionados a uma esfera: municipal, estadual ou federal. O órgão superior responsável por cada unidade é quem encaminha as verbas para a instituição. Embora, museus particulares também costumam receber verba pública (recurso financeiro advindo da Lei Rouanet) e privada (recursos financeiros de fontes como bilheteria, patronato e cessão de espaços). Isto é, no Brasil, durante a criação do Ministério da Cultura (1985), estabeleceram iniciativas para a área do patrimônio, incluindo os museus. Em 2003, foi lançada a Política Nacional de Museus, destinada a unidades de todas as esferas. Porém, na prática, essas iniciativas não costumam ser seguidas. De acordo com o Conselho Federal de Museologia (COFEM), o orçamento público destinado aos museus é precário e não garante quesitos considerados fundamentais para preservar os acervos. Questões sérias como conservação e segurança são nem sempre aparecem em primeiro lugar nas prioridades das instituições responsáveis pela liberação das verbas públicas para os museus. O que se tem hoje é resultado de anos de descaso com o patrimônio público (LEMOS, 2018).

Outra dificuldade, segundo o COFEM, é a burocracia nos repasses feitos às unidades. As instituições culturais públicas não são independentes da estrutura administrativa governamental. Quando a verba chega é insuficiente, já desgastada

pela burocracia e pelo contingenciamento. Por exemplo, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, que possuía um acervo de 20 milhões de itens, cabe à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) fazer os repasses para a entidade, por meio de verba do Ministério de Cultura. Mas, como essa instituição de ensino superior vem sofrendo com corte de verba e o valor que repassa ao museu, segundo o Conselho Federal de Museologia, não é suficiente. Em razão disso, atividades prioritárias acabaram prejudicadas, como a segurança do espaço cultural e conservação do acervo (LEMOS, 2018).

Assim, a falta ou pouco recurso financeiro, devido ao descaso do governo e da sociedade, acarreta diversos problemas em relação à conservação e organização dos objetos expostos, tais como: a ausência de profissionais qualificados como bibliotecários, museólogos, arquivistas, historiadores e restauradores; ambiente inadequado para a preservação e exposição dos materiais; a limpeza e conservação são realizadas pelos próprios funcionários que não tem formação para tais funções (PINHEIRO; PEREIRA; CARNEIRO, 2012).

A fotografia, mesmo com suas peculiaridades no tocante ao seu suporte, à sua origem, à sua função e ao seu tratamento, está presente nos ambientes de informação ou documentação como os arquivos, as bibliotecas e os museus e ambos lidam com documentos, coleções, conservação, catalogação e classificação.

## **2.2 A Imagem Fotográfica**

A primeira fotografia surgiu por meio de várias tentativas de aperfeiçoamento dos métodos de impressão sobre o papel. Ou seja, a primeira pessoa a tirar uma fotografia, reproduzindo uma imagem constante por meio da ação da luz, em 1826, foi o francês Joseph Nicéphore Niépce. Porém, outro francês, Louis Daguerre, aprimorou esse processo conhecido como heliográfico (desenho solar), que era muito lento e resultava numa imagem de pouca qualidade (TONELLO; MADIO, 2018). De outro modo, Daguerre conseguiu fixar a imagem capturada, mergulhando as chapas reveladas numa solução aquecida de sal de cozinha, o qual tinha um poder fixador. Assim, surgiu o daguerreótipo, que era uma máquina fotográfica que pôde, pela primeira vez, ser comercializada em grande escala. Posteriormente, com os avanços tecnológicos, foi possível desenvolver pesquisas, que buscavam reter a imagem dos

objetos em materiais fotossensíveis, dentro da câmera escura. Assim, a nova invenção veio para ficar: a fotografia (MAYA, 2008).

Durante a primeira fase da Revolução Industrial, período de grande avanço tecnológico e que suscitou o desenvolvimento da indústria moderna, surgiu a fotografia. A qual é definida, quanto ao resultado de um processo físico-químico, como a “arte ou processo de reproduzir, pela ação da luz ou de qualquer espécie de energia radiante, sobre uma superfície sensibilizada, imagens obtidas mediante câmera escura” (MICHAELIS, 2018, on-line, não paginado).

Em paralelo com Daguerre, o físico inglês William Henry Fox Talbot, em seu anseio de fixar imagens em diferentes materiais, descobriu um sistema negativo-positivo – denominado como calótipo. Esse método consistia em passar os negativos aos positivos em outras folhas. Em outras palavras, esses negativos, ainda são os responsáveis por absorver a luminosidade, estagnando a imagem e formando a fotografia. Assim, com os processos fotográficos de Talbot, a foto se popularizava em meados do século XIX (MAYA, 2008).

Uma vez solucionado o problema com a fotocópia, os novos estudos foram direcionados para encontrar um papel para os negativos, que permitisse uma rápida impressão. Em 1848, o inglês Frederick Scott Archer, propôs uma mistura de algodão de pólvora com álcool e éter, chamada coloide, numa solução de nitrato e celulose. Ou seja, o colódio consistia em dar liga ao nitrato de prata fotossensível à chapa de vidro, que era o suporte do negativo (PEREIRA, 2013).

Antes da popularização da fotografia analógica, George Eastman abriu sua companhia de criação de chapas secas, a Eastman Kodak Company, em 1880. Nesse período, a película de celuloide e de nitrato de celulose substituiu o colódio úmido. Com essa película, conhecida como filme, a fotografia torna-se portátil e acessível para sociedade. Logo, a Kodak criou a primeira câmera fotográfica, que vinha acompanhada de um rolo de filme e era possível tirar até 100 fotos. Porém, como não era possível a substituição do rolo de filme, os consumidores eram obrigados a adquirir uma nova câmera. Mas, a fim de popularizar a fotografia, a Kodak oferecia, junto com a nova aquisição de seu produto, os serviços de revelação e de substituição do filme. Mais tarde, com os avanços tecnológicos, a Kodak aperfeiçoou seus modelos, possibilitando a substituição do rolo e a reutilização da câmera fotográfica. Assim, a

Kodak contribuiu significativamente para a história da imagem fotográfica, democratizando o acesso do público à fotografia (PAGANOTTI, 2016).

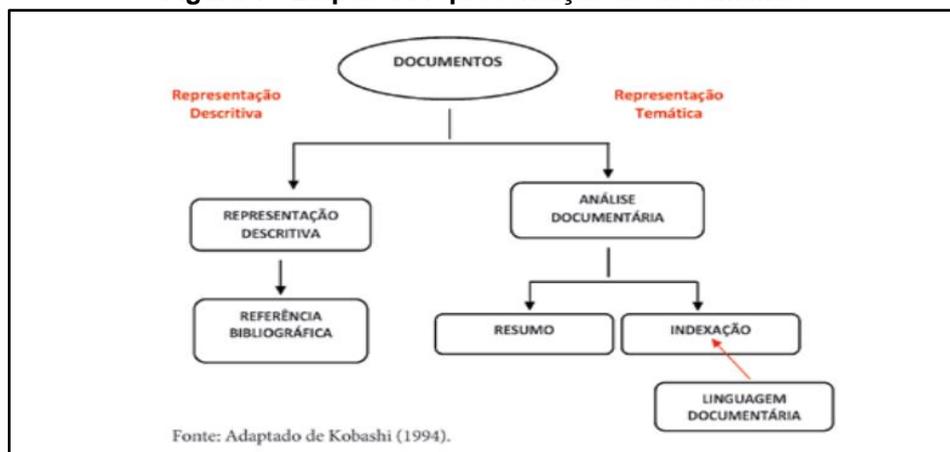
A história da fotografia no Brasil ocorre com a invenção da fotografia e chegada do daguerreótipo ao Rio de Janeiro. Quer dizer, o francês radicado no Brasil, Hercules Florence, a partir de vários experimentos, em 1833, fotografou mediante câmera escura com uma chapa de vidro e usou papel sensibilizado para a impressão por contato. A partir disso, ele obteve o resultado fotográfico, que chamou pela primeira vez de Photographie. Em contrapartida, em 1840, no Rio de Janeiro, o abade Louis Compte chegou ao Brasil e apresentou o daguerreótipo para o Imperador D. Pedro II, o qual virou adepto pela fotografia. Entretanto, anos depois, por volta de 1860, novas tecnologias são trazidas por imigrantes radicados no Brasil, por exemplo, a técnica do colódio úmido (VASQUEZ, 2002). Antes da propagação da fotografia realizada pela Kodak, em 1861, o físico escocês James Clerk Maxwell, com o auxílio do seu assistente Thomas Sutton, criou a primeira fotografia colorida permanente. Esses inventores se respaldaram em técnicas fotográficas existentes e utilizaram três filtros diferentes (vermelho, verde e azul) para tirarem fotos idênticas do mesmo objeto. Assim, como a criação da fotografia, em preto e branco, não foi uma invenção de uma só pessoa, a fotografia colorida também foi um trabalho coletivo, que contou com a contribuição, como por exemplo, dos irmãos Lumière, por volta de 1900. Mais tarde, esses irmãos conseguiriam colocar as imagens em movimento, fato que daria origem ao cinema (DIAS, 2016).

### **2.3 Indexação: conceitos e representação de imagens fotográficas**

Apenas guardar os documentos não garante a recuperação do conhecimento neles contidos. Sendo assim, a indexação já era utilizada como método de descrição e de recuperação de documentos desde os tempos da Biblioteca de Alexandria (séculos a. C.). Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a indexação se firmou como prática de organização e recuperação, devido ao aumento da produção bibliográfica (CAVALCANTI, 1978). Podemos dividir as etapas de representação de documentos em dois grandes grupos: a representação descritiva, etapa que identifica as características físicas dos documentos, e a representação temática, que inclui a identificação de conceitos contidos nos documentos, por meio da leitura desses documentos. Os principais produtos da etapa de análise documentária são os

resumos e os índices (FUJITA, 2003). De acordo com o gráfico abaixo, (Figura 1), podemos visualizar essas etapas dentro do processo de representação de documentos.

**Figura 1 - Etapas da representação de documentos**



Fonte: MAIMONE, G.D; KOBASHI, N.Y; MOTA, D. A. R (2016)

Ainda, de acordo com essa figura (1), a indexação pode ser entendida como “[...] operação que consiste em caracterizar um documento, com o auxílio da representação de conceitos nela contidos” (CHAUMIER, 1988, p. 63). Já no entendimento de Guinchat e Menou (1994, p. 175) definem a indexação como:

[...] a operação pela qual escolhe-se os termos mais apropriados para descrever o conteúdo de um documento. Este conteúdo é expresso pelo vocabulário da linguagem documental escolhida pelo sistema e os termos são ordenados para construir índices que servirão à pesquisa. É a operação central do sistema para armazenagem e pesquisa das informações.

Durante a etapa de análise documentária, a atividade de indexação consiste na elaboração de descritores mais apropriados, que indicam o assunto do documento. Entretanto, o processo de indexação envolve duas etapas fundamentais: análise conceitual e a tradução. A primeira etapa, também conhecida como análise documentária, consiste na extração de palavras ou expressões identificadas, que representam ou identificam os conteúdos tratados nos documentos (LANCASTER, 1993).

Em relação à segunda etapa do processo de indexação, a tradução, consiste na tradução das palavras extraídas do documento para outras palavras retiradas de um vocabulário controlado. Em outras palavras, também é importante distinguir entre indexação derivada ou indexação por extração e indexação por atribuição. Na

indexação por extração, palavras ou expressões que ocorrem no documento, serão selecionadas. Porém, a indexação por atribuição envolve a atribuição de termos ou palavras para um documento, resultantes de outra fonte, que não é o mesmo documento (LANCASTER, 1993).

A fim de evitar problemas de padronização da terminologia durante o processo de tradução terminológica, na segunda fase da indexação, surgem os vocabulários controlados ou as linguagens documentárias. Esses são ferramentas de representação da informação usadas na indexação, como por exemplo: os sistemas de classificação bibliográfica (como a Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal), listas de cabeçalhos de assuntos e tesouros (LANCASTER, 1993, p. 14):

[...] Todos procuram apresentar os termos tanto alfabética quanto 'sistematicamente'. Nas classificações bibliográficas, o arranjo alfabético é secundário, na forma de um índice que remete para o arranjo principal, o qual é hierárquico. No tesouro, o arranjo explícito dos termos é alfabético, mas se encontra uma estrutura hierárquica implícita, incorporada à lista alfabética por meio de remissivas. A tradicional lista de cabeçalhos de assuntos é similar ao tesouro pelo fato de sua base ser alfabética. Difere do tesouro por incorporar uma estrutura hierárquica imperfeita e por não distinguir claramente as relações hierárquicas das associativas [...].

De acordo com esse mesmo autor (1993), esses três tipos de vocabulários têm por finalidade controlar os sinônimos, distinguir os homógrafos e reunir os termos semelhantes. Mas, essas ferramentas empregam métodos distintos para alcançar esses objetivos.

Quanto à formação dessas linguagens documentárias, existem três níveis de linguagens: linguagem de indexação controlada, linguagem de indexação natural e linguagem de indexação livre. Quer dizer, a linguagem de indexação controlada é aquela que utiliza os termos de cabeçalho de assunto ou tesouro para representar a temática do documento. Já a linguagem de indexação natural se apropria da linguagem do próprio documento para representar o assunto abordado no documento, enquanto a linguagem de indexação livre consiste no uso de termos atribuídos pelo indexador para representar os assuntos dos documentos (ROWLEY, 1988 apud LOPES, 2012).

É importante ressaltar que a etapa de seleção de conceitos implica na escolha de termos ou descritores mais abrangentes (indexação exaustiva ou seletiva) e

específicos (indexação genérica ou específica). Ou seja, a exaustividade se refere ao número de descritores ou palavras-chave atribuídas como do assunto do documento. Quanto mais exaustiva for a indexação, mais descritores ela vai empregar. Esse tipo de abrangência na seleção dos descritores é mais indicado para as bibliotecas, com público diversificado, pois a mesma informação pode ser pesquisada com descritores diferentes. No que diz respeito ao nível de profundidade da indexação, a especificidade está relacionada ao nível de exatidão dos descritores para representar os assuntos identificados nos documentos. (FUJITA *et al.*, 2009). Ainda de acordo com essa mesma autora, nos SRI nas bibliotecas, quanto mais exaustiva é a indexação documentária, maior será a revocação e com menor precisão. Quanto mais específica é a indexação temática dos documentos, menor será a revocação e com maior precisão.

Diferente da análise de indexação de documentos textuais, a análise de imagens consiste em “[...] traduzir para uma linguagem verbal o aspecto visual de uma obra, como fotografias, filmes, pinturas [...]” (MAIMONE; GRACIOSO, 2007, p. 3). Vários estudiosos de imagens sugeriram métodos distintos para indexar as fotografias. Essas metodologias levam em consideração as características específicas das fotografias e enfatizam que a recuperação da informação nas imagens é totalmente diferente das fontes escritas, em razão da sua descrição e interpretação (FELIPE; PINHO, 2016). Para Smit (1987), segundo o seu entendimento, as imagens necessitam de um tratamento diferenciado da análise documentária empregada em documentos impresso, por dois motivos: pelo seu conteúdo informacional e pela sua expressão fotográfica. Esta por sua vez, faz referência ao conjunto de elementos técnicos utilizados na foto (como: angulação, luminosidade e outros) e devem ser registrados no processo de indexação. Almejando a indexação das fotografias, Erwin Panofsky (1979 apud Smit, 1996, p. 30) estabeleceu um método de análise de imagens fotográficas, em três níveis: o nível pré-iconográfico, iconográfico e o nível iconológico:

[...] nível **pré-iconográfico**: nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem; nível **iconográfico**: estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré-iconográfica; nível **iconológico**: propõe uma interpretação do significado intrínseco

do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada.

Isto é, o primeiro nível, pré-iconográfico, consiste em descrever, de modo geral, os objetos ou eventos presentes na imagem, o referente. O segundo nível, iconográfico, oposto do nível anterior, refere-se não somente na descrição pura e simples dos objetos retratados, contudo na ligação das composições da imagem com assuntos e conceitos. O último nível, iconológico, visa o significado intrínseco ou conteúdo. Essa descrição busca definir e interpretar os valores simbólicos demonstrados pela imagem. Por outro lado, Sara Shatford (1986) adaptou as categorias informacionais DE (a imagem é DE que?) e SOBRE (a imagem é SOBRE o que?) com os níveis de análise de imagem fotográfica, propostos por Panofsky. O DE (genérico) corresponde ao nível pré-iconográfico, DE (específico) corresponde ao nível iconográfico e a categoria SOBRE com o nível iconológico. Contudo, o termo DE descreve pessoas, locais, objetos, situações e ações que têm manifestação física e termo SOBRE descreve seres míticos (sem realidade concreta comprovada, de significados simbólicos e de conceitos abstratos) e emoções (amor, tristeza). Logo, podemos vincular o DE com a percepção e com a descrição do que se observa na imagem, sendo num nível básico.

Já o SOBRE exige um conhecimento para descobrir seu significado. Podemos descrever o objeto da imagem como algo genérico ou podemos esclarecê-lo (por exemplo, podemos descrever uma ponte somente como uma ponte ou podemos especificá-la como a Ponte Hercílio Luz). Logo, o SOBRE pode ser deduzido a partir do referente ou de qualidades atribuídas ao mesmo (MANINI, 2002). No Quadro (1), as categorias informacionais QUEM/O QUE, ONDE, QUANDO, COMO (são amplamente utilizadas como parâmetros para análises de textos e de documentação) foram também usadas como proposta de representação do conteúdo de imagens (SMIT, 1996).

**Quadro 1 - Categorias de descrição de imagens**

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”; espaço geográfico ou espaço da imagem (p.ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO/O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: SMIT (1996, p. 32)

Deste modo, com base nas teorias de Panofsky e Shatford, a autora Smit (1996) propõe um método de indexação para a descrição de imagens. As diferentes categorias para a indexação dos assuntos respondem às questões QUEM/ O QUE? ONDE? QUANDO? COMO? Cada uma dessas categorias é subdividida segundo os pontos de vista do DE genérico e DE específico, conforme o Quadro (2).

**Quadro 2 - Método de indexação de imagens**

Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	SOBRE
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos	Esta imagem é de quem? De que seres?	De quem, especificamente se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte	Ponte das Bandeiras	Urbanização
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva	Amazonas	Paraíso (supõe um contexto que permita esta interpretação)
	Exemplo	Perfil de cidade	Paris	Monte Olimpo (como o exemplo anterior)
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado. Representa o tempo a manifestação de uma idéia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera	1996	Esperança, fertilidade, juventude
O QUE	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções	Ações, eventos	Eventos individualmente nomeados	Que idéias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Morte	Pietá	Dor (emoção)
	Exemplo	Jogo de futebol (ação)	Copa do Mundo 1994	Esporte

Fonte: Smit (1996, p. 33)

Nem sempre será possível identificar, em uma imagem, todas as categorias propostas e a categoria informacional SOBRE, nem sempre pode ser garantida pelas informações contidas no DE genérico e/ou específico, todavia pode ser produzida pela combinação de elementos distintos (SMIT, 1996).

Por sua vez, Manini (2002) sistematizou esses conhecimentos e adicionou a categoria DIMENSÃO EXPRESSIVA para análise documentária de imagens, conforme se observa no quadro abaixo:

**Quadro 3 – Metodologia de Manini para análise de imagens fotográficas**

	Conteúdo informacional			
	DE		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
Quem/O quê				
Onde				
Quando				
Como				

Fonte: Quadro adaptado por Manini (2002, p.105)

A categoria Dimensão Expressiva está relacionada às informações sobre a imagem, quanto aos efeitos especiais (alto-contraste, retrato, paisagem e outros); a ótica (uso de lentes objetivas e filtros); o tempo de exposição (pose ou instantâneo); a luminosidade (luz diurna, contraluz ou noturna); o enquadramento (vista parcial, geral, plano geral, etc.) e a posição de câmera (câmera alta ou baixa, vista aérea, submarina, microscópio eletrônico, etc.) (MANINI, 2002).

Deste modo, análise documentária de fotografias consiste em perguntar o que a imagem indica sobre o referente e com isso, obter os termos ou as palavras-chaves, que o representem. De acordo com a metodologia de análise de imagens fotográficas, apresentada no Quadro 3, para obter os , que identificam o referente, devemos fazer o cruzamento das categorias informacionais (QUEM/O QUÊ, ONDE, QUANDO e COMO) da primeira coluna, com a categoria informacional DE e suas subdivisões (DE genérico e DE específico). Por sua vez, as categorias informacionais, das últimas colunas do Quadro 3, SOBRE e Dimensão Expressiva, não fazem o cruzamento com as demais categorias informacionais (MANINI, 2002).

Portanto, para indexação de acervos específicos, como os fotográficos, em centros de informação, é fundamental a escolha de um método de análise de representação dos conteúdos, visando à organização e à recuperação da informação em acervos e em bancos de dados.

#### **2.4 Sistemas de Recuperação de Informação e os tipos de Banco de Imagens fotográficas**

Com o aumento considerável da literatura científica, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a fim de solucionar o problema de armazenamento e de recuperação da informação em acervos, surge os Sistemas de Recuperação da Informação, com a finalidade de representar, de armazenar, de organizar e de localizar itens de informação. Por sua vez, esses Sistemas usam as linguagens documentárias para organizar e recuperar a informação, estabelecendo uma conexão importante entre os SRI e os usuários (ARAUJO, 2012).

No âmbito da internet, com a finalidade de suprir a necessidade de localizar as informações criadas em ritmos acelerado, as funções dos Sistemas de Recuperação da Informação (SRI) são (SOUZA, 2006, p. 163):

- 1) representação das informações contidas nos documentos e expressas pelos processos de indexação e descrição dos documentos;
- 2) armazenamento e gestão física e ou lógica desses documentos e de suas representações; e
- 3) recuperação das informações ali contidas e dos próprios documentos armazenados no sistema.

Na interface de busca dos SRI, o usuário traduz sua necessidade informacional em forma de questões ou palavras-chave ou mesmo examina os documentos na busca de informações pertinentes. Esses dois modos de busca por informações são classificados em modelos de recuperação e modelos de navegação. Quanto ao último modelo, o usuário não propõe uma questão ou necessidade de informação ao sistema, mas navega mediante documentos – que não foram previamente indexados – buscando informações de interesse. Os modelos de recuperação se dividem em dois modelos: clássicos e modelos estruturados. Nos modelos clássicos, cada documento é descrito por um conjunto de descritores representativos ou de descritores de indexação, que têm a finalidade de representar os assuntos dos documentos e sumarizar os seus conteúdos de modo significativo. Já nos modelos estruturados, é possível especificar as palavras-chaves, algumas informações sobre a estrutura do texto (seções, fontes de letras, entre outras informações) (SOUZA, 2006).

Os modelos clássicos de recuperação se dividem em três: o modelo booleano, o modelo vetorial e o modelo probabilístico. Ou seja, o modelo booleano recupera os documentos, que possuem os descritores nas condições especificadas pelo usuário, o qual ainda pode utilizar os operadores booleanos *or*, *and* e *not* para estabelecer relações específicas de ocorrência com as palavras-chave, de forma a especificar os documentos a serem recuperados. No modelo vetorial, os documentos são modelados como sacos de palavras (*bags of words*) e são representados como vetores no espaço n-dimensional, onde n é o total de descritores (palavras) de todos os documentos no sistema. Esse tipo de modelo é a base da maioria de sistemas de recuperação de informações, principalmente os que têm como objeto a Internet, que utilizam técnicas para determinar o ranking de documentos como resposta a uma consulta. Por último, no modelo probabilístico, supõe-se que exista um conjunto ideal de documentos que satisfaz a cada uma das consultas ao sistema, e que este conjunto pode ser recuperado (SOUZA, 2006).

No âmbito da Ciência da Informação, os critérios mais utilizados para avaliar a satisfação do usuário com um Sistema de Recuperação da Informação são: revocação, precisão, cobertura, esforço do usuário, formato de saída, tempo de resposta e atualidade. A revocação se refere à relação entre o número de documentos relevantes recuperados e o número total de documentos relevantes contidos no sistema. Para medi-la é necessário conhecer o número total de documentos relevantes contidos no sistema. No SRI, a precisão pode ser expressa como a taxa entre o número de documentos relevantes recuperados e o número total de documentos recuperados. Porém, é necessário avaliar a relevância dos documentos recuperados. Esse é um parâmetro fundamental para a avaliação de sistemas de busca. Em relação à cobertura, resulta na capacidade de recuperação do volume total de informações disponíveis sobre determinado tópico. Todavia, a satisfação do usuário será delimitada pelos parâmetros de revocação e de precisão. A abrangência é um fator de avaliação da cobertura, pois está relacionada ao volume de informações indexadas pelo sistema (FERNEDA, 2003).

Quanto ao esforço do usuário, esse critério de avaliação consiste em verificar a qualidade, por meio de quantificação do volume de energia empregada na entrada do sistema. Esse tipo de avaliação é mais simples de executar, uma vez que, os dados sobre a capacidade do esforço são prontamente obtidos em registros administrativos.

O formato de saída tem fundamental importância para o julgamento da precisão, pois é o ponto inicial de contato entre o usuário e a informação recuperada. Quanto mais informação disponível sobre a representação do documento, mais fácil será predizer sua relevância. O tempo de resposta é outro fator importante para avaliar sistemas de recuperação de informação, acessados pela internet, e está sujeito a inúmeras variáveis, como velocidade de acesso, tamanho da banda, equipamento utilizado pelo usuário, entre outros fatores. Por último, a atualidade define a proporção de novos documentos recuperados pelo usuário (FERNEDA, 2003).

Atualmente, os benefícios da digitalização de serviços ofertados na internet, acarretam grandes modificações sociais e econômicas como um todo, como alterando as estruturas de comunicação, de mercado e de governo. Com isto, os dados digitalizados de produtos e de serviços diminuem as distâncias geográficas e criam um espaço cibernético descentralizado, segmentado e personalizado, a fim de atender as necessidades dos usuários (SILVA, 2002). Logo, a digitalização dos acervos pertencentes aos arquivos, às bibliotecas e aos museus, como os acervos fotográficos, facilita o acesso a essas coleções. Uma vez que, os usuários podem acessá-las, por meio de banco de imagens ou bases de dados de imagens, disponíveis na internet. Por sua vez, Rodrigues (2011, p. 199) define banco de imagem como “um serviço técnico de uma instituição, que seleciona, adquire, organiza, armazena e permite a recuperação de imagens fotográficas de acordo com políticas e princípios pré-estabelecidos”. Quer dizer, os bancos de imagens são serviços (gratuitos ou pagos), que disponibilizam fotografias (on-line ou não), sobre assuntos variados, para fins acadêmicos ou comerciais.

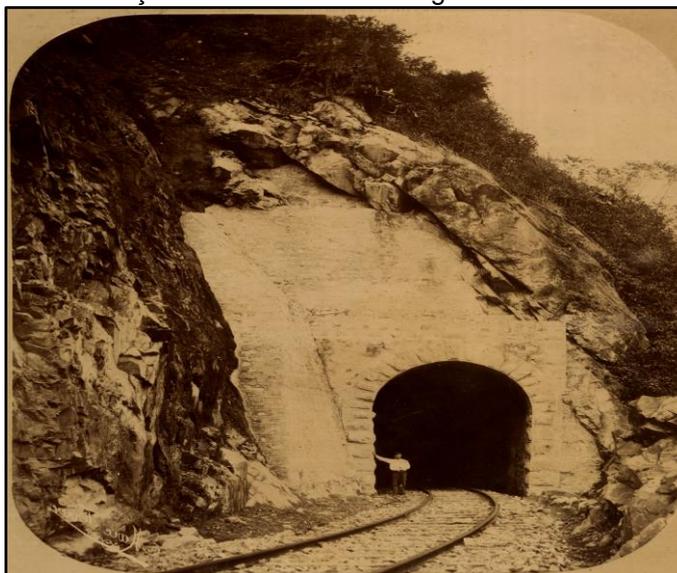
Quanto à internet, as agências fotográficas puderam disponibilizar os seus acervos em bancos de imagens, ampliando o acesso de suas imagens. Logo, foi nesse contexto que surgiu a denominação bancos de imagens para as agências fotográficas. Atualmente, esse termo “banco de imagens” foi adaptado para qualquer usuário, que queira organizar imagens e disponibilizá-las pela internet, com fins comerciais ou não (FREITAS, 2009). Em sua pesquisa sobre a tematização da imagem fotográfica, Rodrigues (2011) propôs a categorização dos bancos de imagens, segundo suas características, seus objetivos e o seu público usuário. Desta forma, o autor identificou seis categorias de bancos de imagens: 1) bancos de imagens de bibliotecas; 2) bancos de imagens de instituições de preservação e exposição de

imagens; 3) bancos de imagens de jornais; 4) bancos de imagens de revistas; 5) bancos de imagens de agências de imagens e 6) bancos de imagens de agências de notícias e imagens.

#### *2.4.1 Banco de imagens de bibliotecas*

Os bancos de imagens de bibliotecas, em sua maioria, são formados por fotografias antigas, com grande valor informacional, devido às suas origens e características. Esses acervos são constituídos de coleções oriundas de aquisições ou doações de particulares, que, geralmente, pertenceram a figuras ilustres ou foram produzidas por grandes nomes da fotografia. Os critérios de seleção e aquisição do acervo fotográfico consideram a pertinência da fotografia em relação aos objetivos da instituição, onde o valor informacional do documento é mais relevante do que a qualidade técnica e visual (RODRIGUES, 2011). Temos, como exemplo, a foto (Figura 2) pertencente ao banco de imagens da Biblioteca Nacional do Brasil.

**Figura 2** - Registro da construção da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá (1880-1884)



Fonte: Biblioteca Nacional (2018)

A imagem dessa figura apresenta o registro do fotógrafo Marc Ferrez sobre a construção da estrada de ferro, para conectar Curitiba a Paranaguá (1880-1884).

#### *2.4.2 Banco de imagens de instituições de preservação*

A categoria bancos de imagens de instituições de preservação e exposição de imagens refere-se às coleções fotográficas localizadas em arquivos (históricos ou

técnicos), museus e instituições, cujo propósito é adquirir, organizar, armazenar e expor as fotografias. Assemelham-se aos bancos de imagens de bibliotecas, pois, normalmente, são formados por acervos de imagens atuais e antigas, com valor histórico, documental e patrimonial, que registram lembranças (como eventos sociais ou pessoais) ou fatos do passado e contém importância fundamental na reconstrução histórica (RODRIGUES, 2011).

Um exemplo de banco de imagem é a Fototeca Sioma Breitman, que tem o seu acervo físico voltado para registro histórico, pertencente ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Essa Fototeca disponibiliza as imagens da cidade de Porto Alegre no acervo digital, denominado Donato/Sistema de Informação do Museu Nacional de Belas Artes – (Donato/SIMBA). Esse sistema é o resultado do projeto que leva o nome de um ex-funcionário do museu, Donato Mello Júnior, ao mesmo tempo em que leva a sigla de Sistema de Informação do Museu Nacional de Belas Artes. Além do mais, esse sistema foi disponibilizado para outros museus brasileiros, em formato de código aberto (direito autoral do software fornecido gratuitamente para uso e modificação).

#### *2.4.3 Banco de imagens de jornais*

As fotografias, desse tipo de banco, geralmente, são criadas com intuito de ilustrar as matérias jornalísticas publicadas pelos jornais. Devido à circulação diária dos jornais, a maioria das fotos é de baixa qualidade técnica e visual. Porém, podem ser utilizadas posteriormente para pesquisa ou para ilustrações de livros, revistas e outros documentos. A maioria dos jornais tem produção própria de fotografias. Mas, também utiliza imagens de outras agências de notícias. Além disso, as fotos são comercializadas para vários clientes, como outros jornais, revistas e agências de notícias (RODRIGUES, 2011).

A próxima foto (Figura 3) é um exemplo de fotojornalismo, pertencente ao banco de imagens do jornal argentino, *Clarín*.

**Figura 3-** Inauguración del Puente Victorino de la Plaza



Fonte: Archivo Clarín (2018)

Essa foto foi tirada, em 1º de março de 1916, durante a inauguração da Puente Victorino de la Plaza, também conhecida como Puente Vélez Sársfield, localizada no bairro de Barracas, em Buenos Aires, Argentina.

#### *2.4.4 Banco de imagens de revistas*

Do mesmo modo que os jornais, as revistas contêm acervos fotográficos destinados a informar fatos do cotidiano, além de publicarem matérias temáticas com assuntos pré-definidos. Porém, o tempo de elaboração das matérias é maior que dos jornais, que permite a produção de imagens fotográficas com maiores qualidades técnicas e visuais. Em geral, as revistas têm produção independente de fotografias (contando com sua equipe de fotógrafos). Também comercializam suas imagens, que podem ser utilizadas para pesquisa histórico-documental ou para ilustração de livros, para outras revistas e para documentos diversos (RODRIGUES, 2011). A galeria de imagens da revista Super Interessante é um exemplo de banco de imagens de revista. Essa revista disponibiliza, na internet, sua coleção fotográfica, sobre assuntos diversos, como a Figura (4), que exhibe o estereótipo latino no cinema falado, dos anos 1930 e 1940.

**Figura 4 - FORAS DA LEI: O estereótipo latino no filme Cisco Kid**



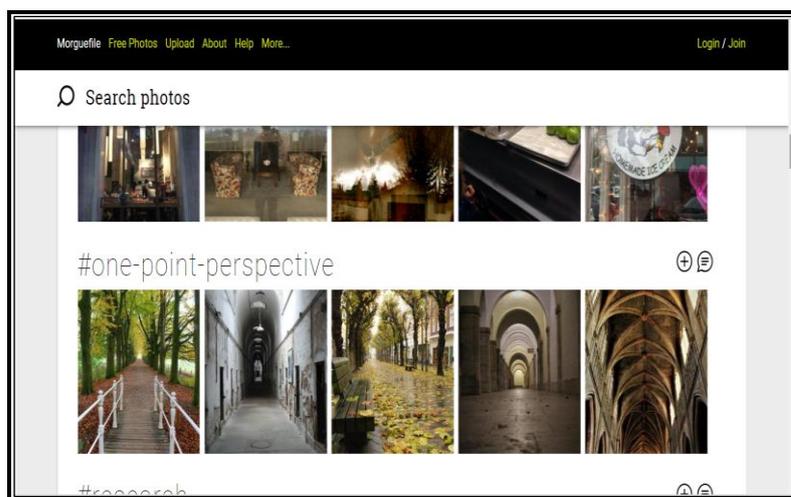
Fonte: Revista Super Interessante (2016)

De acordo com essa figura (4), Cisco Kid, o personagem principal do filme é uma espécie de latino evoluído, interpretado por um ator americano, mais galante. Porém, o personagem luta contra bandidos atrapalhados, preguiçosos e fracos, seus conterrâneos.

#### *2.4.5 Banco de agências de imagens*

As agências de imagens produzem e organizam as fotografias, com fins lucrativos. As fotos são comercializadas conforme as demandas e as necessidades dos clientes. Esses acervos fotográficos, além de contar com uma equipe própria de fotógrafos, também contam com os serviços de fotógrafos autônomos, desde que a qualidade das fotos seja adequada aos seus objetivos. Esse tipo de banco de imagens prima pelas qualidades técnicas e visuais, uma vez que, o seu público é muito diversificado (RODRIGUES, 2011). Por exemplo, o banco de imagens da agência de imagens, Morguefile (Figura 4), que disponibiliza imagens gratuitas e de vários estilos.

**Figura 5 – Morguefile: banco de imagens gratuito**



Fonte: Morguefile (2018)

Algumas agências mais antigas oferecem, em seus acervos, materiais que são considerados histórico-documental e que possuem grande valor para estudos e pesquisas, a exemplo do Getty Images.

#### 2.4.6 Banco de imagens de agência de notícias e imagens

Os bancos de imagens de agências de notícias e imagens caracterizam pela produção de notícias e de imagens fotográficas de fatos jornalísticos diários. Geralmente, esses bancos estão vinculados a empresas jornalísticas e ofertam conteúdo específico para seus clientes. Além da produção diária de notícias, esses bancos contêm arquivos de imagens fotográficas dos jornais, cujo conteúdo e qualidade técnica estão relacionados com a produção diária ou com fotografias de arquivo.

As agências de notícias e imagens também possuem equipes de jornalistas e de fotógrafos situados em todo o mundo. Em contrapartida, as agências mais antigas dispõem de materiais, que são considerados como fonte histórica e os quais constituem em acervos ricos para estudos e pesquisas. Temos, por exemplo, a Agência Folha de São Paulo (RODRIGUES, 2011).

Para a realização desse estudo, escolheremos o banco de imagens de instituições de preservação e exposição de imagens, no caso, o banco de imagens Donato 3.2, da Fototeca Sioma Breitman, vinculado ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO

O Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo foi criado em 1979 com a finalidade de reunir acervos históricos e culturais da cidade. A primeira sede da instituição localizava-se em um prédio na Rua Lobo da Costa, no bairro Cidade Baixa. Em 1980, o Solar Lopo Gonçalves foi restaurado e, a partir de 1982, passou sediar o Museu de Porto Alegre. Porém, em 1993, esse Museu passou a denominar-se Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (Figura 6), em homenagem ao historiador e criador da Secretaria Municipal da Cultura (MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2018).

**Figura 6 - Fachada do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo**



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (2018)

A missão do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo é promover a interação da sociedade com o patrimônio cultural do Município, com ênfase na sua história e memória, por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob sua guarda. Além disso, o acervo do Museu é tridimensional (Figura 7), o qual é formado por peças dos séculos XIX e XX, como acessórios de uso pessoal, objetos de decoração, instrumentos musicais e outros. Esse acervo se originou a partir de doações ligadas a setores da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e principalmente pelas doações particulares (MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2018).

**Figura 7** - Interior do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo



Fonte: Museu de Porto Alegre (2018)

O Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo possui dois acervos: o arqueológico e fotográfico. Ou seja, o seu acervo arqueológico contém itens relacionados aos grupos indígenas e aos colonizadores, entre os séculos XVIII e XX. Essa coleção é formada por materiais cerâmicos, líticos, ósseos e entre outras peças (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2018).

Em relação ao acervo fotográfico do Museu, denominado Fototeca Sioma Breitman, inaugurada em 1987, em homenagem ao fotógrafo Sioma Breitman, e parte de seu acervo fotográfico foi doado pelos seus filhos ao Museu. A partir de então, a Fototeca foi reunindo Acervos dos mais importantes fotógrafos da cidade, entre eles: Luis Terragno, Lunara, Virgílio Calegari, Irmãos Ferrari e Olavo Dutra. Também foram doados ao Museu coleções de cartões postais de Carlinda Borges de Medeiros e Noemy Valle. Na década de 1990 a família de Sioma fez nova doação de fotografias à Instituição. Em 1997 a Prefeitura adquiriu a Coleção de Imagens Aéreas de Porto Alegre dos fotógrafos Léo Guerreiro e Pedro Flores, referentes às décadas de 1940 a 1980. Entre os anos de 1990 e os primeiros anos de 2000, novas coleções foram doadas à Fototeca: Carnaval de Vicente Rao (de 1970 a 1990), Fotografias Aéreas da cidade (1982, da Secretaria Municipal da Fazenda), Usina do Gasômetro, Mercado Público Central (últimas décadas do século XX), Memória dos Bairros de Porto Alegre (últimas décadas do século XX), e de Eva Schmid e João Ribeiro Netto.

Atualmente, a Fototeca contém 9.000 fotografias e 80% delas estão digitalizadas. A consulta desse acervo fotográfico é somente local. Para isso, o Museu oferece uma sala, com quatro computadores, para pesquisa das fotografias digitalizadas (Figura 8). Ainda, os pesquisadores podem fazer a cópia dessas fotografias, sem custo, para fins de estudo. Porém, o Museu cobra o valor de R\$ 35,00 por cada fotografia, para usos com fins comerciais (MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2018).

**Figura 8** - Sala de pesquisa da Fototeca Sioma Breitman



Fonte: Elaborada pelo autor (2018)

O Museu também promove acessibilidade para os públicos com deficiência visual (catálogo em Braille e maquetes táteis) e com deficiência auditiva (áudio-guia com leitura e descrição de imagens).

#### 4 METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para executar uma pesquisa ou um estudo (PRODANOV, 2013). Assim, nesta seção apresenta a metodologia utilizada para realização desse estudo. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, envolvendo um trabalho prático, voltado para interesses locais. Quanto a sua abordagem é qualitativa, do ponto de vista do problema, sobre os dados coletados (OLIVEIRA, 2011). Já do ponto de vista dos objetivos, a abordagem foi descritiva e exploratória. Pois, esse tipo de estudo pretendeu descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Também, esse estudo procurou explorar com maior profundidade o tema, buscando esclarecer questões importantes para a condução da pesquisa (GIL, 2002).

Quanto ao procedimento metodológico, que se entendeu mais adequado para essa investigação, foi o estudo documental. Pois, este tipo de pesquisa “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

Sobre o acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Jose Felizardo, o processo de descrição das imagens é feito no programa Donato 3.2. Neste programa são utilizados os metadados como os de: autor, período, título para etiqueta, descrição do conteúdo e outros metadados usados para o controle interno das Imagens fotográficas. Assim, o objeto de estudo desta investigação foi relacionado apenas com os descritores utilizados nas fotografias, dos profissionais de renome como Virgílio Calegari, Lunara, Barbeitos & Irmãos, Sioma Breitman e Irmãos Ferrari, disponíveis na Fototeca Sioma Breitmam. Deste modo, foram analisadas apenas as informações encontradas no campo de descrição de conteúdo. Durante a análise dos dados, observou-se superficialmente a existência de informações em outros metadados, a fim de complementar a análise.

No caso deste estudo, a amostragem por acessibilidade ou por conveniência não exige um rigor estatístico com base no número de elementos existentes no universo (GIL, 2008). Desta forma, tendo em vista uma maior aleatoriedade na coleta de dados, a amostra dessa pesquisa consistiu na seleção de duas fotografias, a primeira e a última foto, pertencente a cada grupo de fotógrafos renomados. A saber, são cinco grupos, de modo que compreenderá um total de 10 fotos. Assim, essa

quantidade total de imagens foi estabelecida, avaliando o tempo viável para uma análise qualitativa dos descritores de cada fotografia.

A coleta de dados realizou-se mediante os seguintes instrumentos: questionário semiestruturado (Apêndice A), que foi respondido por uma funcionária da equipe de indexação do acervo fotográfico, do Museu de Porto Alegre, e um quadro adaptado (Apêndice C), de análise documentária de imagens, proposto por Manini (2002). Isto é, foi aplicado um questionário de múltipla escolha, com oito perguntas abertas, com uma pergunta fechada e com uma pergunta mista (fechada e aberta). A fim de identificar as necessidades de organização de imagens do acervo fotográfico.

O questionário foi enviado por e-mail, para equipe de catalogação do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, a qual se colocou à disposição após o contato inicial. Observaram-se os aspectos éticos na aplicação da entrevista, evitando a identificação direta do respondente no trabalho. Além disso, o questionário foi precedido pela assinatura de “Termo de Consentimento Para Pesquisa de Campo” (Apêndice Z), pelo respondente.

Segundo o entendimento de Gil (2008, p. 140), o questionário é definido como:

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

O questionário é um importante instrumento de trabalho para diversos campos das Ciências Sociais, pois, permite ao pesquisador reunir informações importantes sobre o tema e os objetivos da pesquisa.

Complementando o questionário, o próximo instrumento de coleta de dados, a fim de analisar as palavras-chave atribuídas durante o processo de indexação do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardos; foi utilizado o Quadro (4), com a proposta de metodologia de análise fotográfica, de Manini (2002):

Quadro 4 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE gen.</b>	<b>DE esp.</b>	<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
<b>Quem/O que</b>				
<b>Onde</b>				
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, adaptada pelo autor)

Para cada uma das imagens analisadas, foram extraídas as palavras-chaves atribuídas a elas durante o processo de indexação e distribuídas conforme as categorias informacionais correspondentes. Com base neste Quadro (4), pode-se examinar a indexação realizada pelo Museu de Porto Alegre, mediante metodologia de análise de imagens fotográficas, proposta por Manini (2002).

No próximo capítulo, apresentaram-se as análises qualitativas dos dados obtidos, mediante questionário e imagens coletadas, no acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Jose Felizardo. Também, foi proposto uma metodologia de análise de imagens fotográficas, que atendesse às necessidades de indexação desse acervo fotográfico. Por último, apresentou-se a aplicação dessa metodologia em um caso concreto, com a validação de um profissional de biblioteconomia.

## 5 RESULTADOS

Nesta seção, os dados coletados foram apresentados em três partes. Primeiro, apresentou-se análise dos dados obtidos com questionário. Num segundo momento, expos o exame dos descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, para as imagens selecionadas (Apêndice C). Após, propõe-se uma metodologia de análise de imagens fotográficas, de acordo com as necessidades de indexação do acervo fotográfico, em estudo, e por fim, apresentou-se a aplicação dessa metodologia em um caso concreto, de indexação fotográfica.

### 5.1 Questionário aplicado junto à Arquivista do Museu de Porto Alegre

O questionário foi enviado, via e-mail, no dia vinte e cinco de março de dois mil e dezenove. O qual foi respondido pela arquivista, em dois dias, membro da equipe de catalogação do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. A qual é formada há nove anos no curso de Arquivologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atua, desde 2015, no acervo imagético do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

Em relação às perguntas do questionário, quando foi perguntado sobre qual é a formação dos profissionais responsáveis pela formação do acervo fotográfico do Museu. A arquivista, primeiro contextualizou sobre o histórico do museu quando respondeu que:

Em 1979 foi inaugurado o Museu de Porto Alegre, com o recebimento de imagens fotográficas que vinham sendo reunidas desde 1940 pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Em 1987 foi inaugurada a Fototeca Sioma Breitman, em homenagem ao fotógrafo Sioma Breitman, e parte de seu acervo fotográfico foi doado pelos seus filhos ao Museu. A partir de então, a Fototeca foi reunindo Acervos dos mais importantes fotógrafos da cidade, entre eles: Luis Terragno, Lunara, Virgílio Calegari, Irmãos Ferrari e Olavo Dutra. Também foram doados ao Museu coleções de cartões postais de Carlinda Borges de Medeiros e Noemy Valle. Na década de 1990 a família de Sioma fez nova doação de fotografias à Instituição. Em 1997 a Prefeitura adquiriu a Coleção de Imagens Aéreas de Porto Alegre dos fotógrafos Léo Guerreiro e Pedro Flores, referentes às décadas de 1940 a 1980. Entre os anos de 1990 e os primeiros anos de 2000, novas coleções foram doadas à Fototeca: Carnaval de Vicente Rao (de 1970 a 1990), Fotografias Aéreas da cidade (1982, da Secretaria Municipal da Fazenda), Usina do Gasômetro, Mercado Público Central (últimas décadas do século XX), Memória dos Bairros de Porto Alegre (últimas décadas do século XX), e de Eva Schmid e João Ribeiro Netto [...]

Observa-se que de acordo com a arquivista, o acervo é composto de doações oriundas de Instituição Pública, Prefeitura de Porto Alegre, de importantes fotógrafos da cidade (como fotógrafo Sioma Breitman) e de colecionadores (como Carlinda Borges de Medeiros e Noemy Valle), deram origem, primeiramente ao acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre, em 1979, e anos depois, a Fototeca Sioma Breitman, em 1987.

Essas afirmações corroboram Rodrigues (2011) ao destacar que às coleções fotográficas localizadas em arquivos (históricos ou técnicos), museus e instituições são formados por acervos de imagens atuais e antigas, com valor histórico, documental e patrimonial, que registram lembranças (como eventos sociais ou pessoais) ou fatos do passado e contém importância fundamental na reconstrução histórica de uma nação ou de uma cidade, por exemplo. Ainda sobre a primeira questão, quanto à formação dos profissionais responsáveis pela formação do acervo fotográfico do Museu, a arquivista respondeu:

Desde sua inauguração, vários profissionais trabalharam com este acervo, notadamente historiadores, fotógrafos. Atualmente são responsáveis 1 historiadora (Diretora do Museu), 1 bibliotecária e 1 arquivista (servidoras) e estagiários de história e museologia.

Vários profissionais contribuíram para formação das coleções fotográficas desde a inauguração desse Museu, entre eles: historiadores, fotógrafos, bibliotecários, arquivistas e (estagiários) de história e museologia. Sem dúvida, o conhecimento específico desses profissionais contribuiu para a expansão do acervo, bem como para os processos de sua organização e recuperação desse acervo de imagens, que registram as evoluções urbanas e sociais da cidade de Porto Alegre, desde 1940.

Na segunda questão do questionário, quando indagado sobre quantas pessoas realizam a indexação de imagens e qual é formação profissional das mesmas, a arquivista informou que um grupo de indexadores das coleções fotográficas do Museu está em fase de implantação e essa equipe conta com os serviços de uma bibliotecária, de uma arquivista e de estagiários dos cursos de história e de museologia. Logo, o saber técnico desses profissionais contribui para sistemas adequados de organização e de tratamento informacional das coleções fotográficas. A fim de preservar e de disponibilizar essas imagens fotográficas para estudo e para o lazer das comunidades assistidas. Albuquerque (2012), defende que os documentos dos museus, assim como outros documentos, são fontes de informação para pesquisa e por este motivo,

devem ser tratados, catalogados e classificados de modo adequado. Neste contexto o uso da indexação é fundamental para organizar e disponibilizar a informação de museus e outros centros de informação. Pois, são como organismos vivos, que estão em constante desenvolvimento e inovação.

Observando a resposta da arquivista, em relação à questão número três, o principal modo de aquisição das coleções fotográficas é a doação. No Brasil, a maioria dos modelos de gestão cultural depende de recursos estatais. Algumas instituições contam, majoritariamente, com recursos do governo; outras são ligadas a empresas privadas; e há as que têm modelos mistos de recursos estatais (recurso financeiro advindo da Lei Rouanet) e privados (recursos financeiros de fontes como bilheteria, patronato e cessão de espaços) (LEMOS, 2018) Assim, umas das principais dificuldades enfrentadas pelos museus e pelos centros de documentação, como as bibliotecas públicas, estão relacionadas com os poucos recursos financeiros para o desenvolvimento de acervo. Igualmente, o Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo depende de doações de imagens fotográficas para expandir o acervo de sua Fototeca.

Quanto à pergunta número quatro do questionário, foi sobre o Museu de Porto Alegre usar alguma metodologia de análise documentária de imagens fotográficas, de acordo com a literatura e a resposta da arquivista revelou que este Museu não adotou nenhuma metodologia de indexação, para fotografias. Pois, desde a inauguração do Museu, a rotatividade de pessoas no acervo de imagens da Fototeca Sioma Breitmam impossibilitou a adesão de uma metodologia de indexação de fotos. Pois, as pessoas que passavam por este acervo faziam a indexação ao seu modo. Porém, as imagens fotográficas, bem como outras fontes de informação, necessitam de tratamento eficiente para serem recuperadas pelos usuários. Devido à complexidade do processo de indexação de materiais fotográficos, várias instituições que possuem esse tipo de acervo, não dão a devida atenção a esses materiais (ALBUQUERQUE, 2012). Portanto, a metodologia de análise fotográfica é importante, uma vez que, leva em consideração as características específicas das fotografias e realça que a recuperação da informação das imagens é diferente das fontes escritas, em virtude da sua descrição e interpretação (FELIPE; PINHO, 2016).

Sobre o banco de imagens Donato, utilizado pelo Museu de Porto Alegre para indexar o seu acervo fotográfico, a questão número cinco do questionário investigou

quais eram os metadados específicos usados durante a indexação das imagens. Assim, arquivista, do Museu de Porto Alegre, de acordo com as fotos selecionadas para esta pesquisa, forneceu as fichas de catalogação dessas imagens, no sistema Donato 3.2 (Figura 9).

**Figura 9 – Ficha de catalogação do Donato 3.2**

localhost/donato/consulta\_obra.php?op=view&nosave=1&titulo=[Retrato em grupo]&sobra=9879

Nº de registro **8569 F**

**Obra** | Dimensões | Partes | Autoria | Bibliografia | Exposições | Movimentações | Relacionamento | Fechar

Tombo: 8569 F      Assinada: Não      Nº de inventário:      Controle:

Coleção/Classe: FOTOGRAFIA

Objeto: FOTOGRAFIA

Autor principal: CALEGARI, Virgílio.

Movimento:

Estilo:

Cópia:

Período: século XIX(?)

Escola/ Grupo Cultural:

Título/Título da série: [Retrato em grupo]

Nº de série:      Nº do processo:

Título p/ etiqueta: [Retrato em grupo]

Texto para etiqueta:

Temas: RETRATO

Sub-Temas: Retrato em grupo, Retrato em estúdio

Descrição de conteúdo:  
Retrato em grupo onde se encontra três mulheres sentadas, três homens em pé e um sentado.

Data de aquisição: 22/7/2015

Forma de aquisição: Doação

Doador/Vendedor: Marcelo Campos

Valor de compra:      Valor de seguro:

Ex-proprietários:

Localização fixa: Fototeca

Trainel/Gaveta/Estante:

Observações:

Catalogado por: mariana borges porto

Data de catalogação: 14/04/16 - 02:14

Data de última alteração: 11/07/16 - 02:12

Obra	Autor	Título
Total de relacionamentos para a obra: 0 - Página: 1 de 0		

Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Após análise dessas fichas, de modo geral, os metadados mais usados foram: “Tombo” (contém o número de registro da obra no acervo e letra correspondente ao tipo de imagem, fotografia, pinturas e outros), “Assinada” (se a foto contém assinatura ou não), “Coleção/Classe” (especificação do tipo de imagem), “Autor principal”, “Período”, “Título/título da série”, “Título p/ etiqueta” (informação desse campo se repete no campo anterior), “Temas” (campo destinado aos assuntos gerais relacionados às fotografias), “Descrição do conteúdo” (esse campo contém os descritores usados como das fotografias, quanto ao seu conteúdo), “Forma de aquisição” (doação, compra ou permuta), “Doador/vendedor” (campo usado para especificar o nome do doador ou vendedor), “Data de aquisição”, “Localização fixa” (como Fototeca), “Catalogado por” (nesse campo identifica quem fez a catalogação

do documento), “Data de catalogação” e “Data de última alteração”. Observou-se que mesmo o Museu não adotando uma metodologia de análise documentária de imagens fotográficas, o próprio adota alguns critérios para a organização do acervo no Donato, como: identificação da coleção, do nome do fotógrafo, nome do doador, temas (bairros da cidade, fatos históricos, personalidades), data das fotografias, cobrindo as palavras-chaves que acompanham a catalogação das fotos desse acervo. O uso de palavras-chave permite agilidade nas pesquisas, na organização do acervo e o controle sobre sua conservação física, além de possibilitar a exibição e descrição dos documentos fotográficos.

Em relação à questão seis, foi perguntado sobre quais eram as dificuldades para indexar as fotografias no Donato e a resposta foi “a principal dificuldade é a falta de informação do próprio objeto fotografia e a falta de equipe para realização de pesquisa histórica sobre o acervo.” Quer dizer, a principal dificuldade para indexar as fotos no banco de imagens, Donato 3.2, está relacionada à falta de informações a respeito das fotografias e falta de profissionais para fazer a pesquisa histórica sobre o acervo. As dificuldades financeiras enfrentadas pelos centros de documentação (museus, arquivos e bibliotecas) provocam falhas estruturais, como ausência de profissionais capacitados. Segundo a pesquisa de Manini (2002) realizada em alguns acervos fotográficos de São Paulo e Rio de Janeiro, apontou dificuldades financeiras referentes à análise documentária de imagens fotográficas nos acervos, sob a luz da Ciência da Informação e da Documentação, tais como: profissionais pouco ou mal preparados para administrar e para extrair o máximo de informações dos acervos fotográficos. Segundo Lemos (2018), a maioria dos museus brasileiros são públicos e depende de recursos repassados pelos governos Federal, Estadual e Municipal. Porém, essas verbas, quando chegam, são mínimas e não garante as necessidades mínimas de preservação dos acervos e de manutenção do espaço físico. Além disso, a falta de recursos prejudica a contratação de novos profissionais qualificados para pesquisa e indexação do acervo fotográfico, a fim de atender as necessidades informacionais dos usuários.

De acordo com a questão sete do questionário, perguntou se as fotos eram indexadas por grupo ou individualmente. A arquivista respondeu que as fotos são indexadas individualmente. Ela também deu um panorama de como é feito a indexação desse tipo de documento do Museu de Porto Alegre. Isto é, parte desse

acervo encontra-se acondicionado em pastas suspensas, em envelopes de papel alcalino 180g/m<sup>2</sup> e envolvidas por um filme de poliéster 50 micra. As fotografias de maiores dimensões estão acondicionadas em caixa álbuns, com interior de papel alcalino e revestimento externo sintético. Os envelopes estão numerados, de acordo com a numeração corresponde às fichas de busca do banco de dados Donato 3.2, sendo que dentro de cada envelope existe uma fotografia com o número de identificação colocado no canto inferior direito, a lápis. Nas pastas suspensas estão escritos apenas o primeiro e o último número dos envelopes. Para efeito de catalogação, anteriormente eram utilizadas fichas catalográficas que descreviam os dados e as características das fotos. Posteriormente, os conteúdos dessas fichas foram inseridos no software Donato 3.2. Portanto, mesmo com as dificuldades enfrentadas pelo Museu de Porto Alegre, quanto à indexação das imagens fotográficas, de acordo com a resposta da questão sete, é possível notar que o acervo da Fototeca Sioma Breitmam, mesmo com a passagem de várias pessoas responsáveis pela catalogação, manteve-se organizado.

Na questão oito, ao ser questionado se existia um vocabulário controlado para realizar a indexação das imagens (como tesauro, cabeçalho de assunto, CDD, CDU ou outros) e a resposta foi que atualmente a equipe de indexação de fotografias da Fototeca Sioma Breitmam não adotou um vocabulário controlado. Mas o mesmo está em fase de construção. Assim, adoção de ferramentas de representação da informação usadas na indexação, como os vocabulários controlados, evitam problemas de padronização da terminologia durante o processo de tradução terminológica (LANCASTER, 1993). Seja qual for a ferramenta de representação da informação (tesauro, cabeçalho de assunto ou linguagens documentárias, CDD ou CDU) adotada pelo Museu de Porto Alegre para indexação de fotografias, contribuirá para a qualidade dessa tarefa, proporcionando uma organização e recuperação eficaz do acervo.

A pergunta nove do questionário foi sobre de qual forma o Museu disponibiliza o seu acervo fotográfico para consulta e a resposta foi que a consulta desse acervo é local. Uma vez que, o sistema atual (Donato 3.2) tem acesso limitado e a migração dos dados atuais para um sistema *online* (Software Pergamum) está em fase de implantação. Logo, a digitalização progressiva do acervo viabiliza a pesquisa de imagens e de informações exclusivamente em meio digital, eliminando a busca em

fichários e a preservação das coleções do manuseio dos consulentes (SOUZA, 2006). Igualmente, os avanços tecnológicos, como a tecnologia da informação, acarretam melhorias práticas para a população, quanto ao social, à econômica e à política. Ou melhor, os avanços tecnológicos da informação tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade, principalmente no que diz sobre os serviços, públicos ou privados. Pois, a digitalização de acervos fotográficos, ofertados pelos museus, pelos arquivos e pelas bibliotecas, acarretaram efeitos significativos à própria coleção e a seu uso (SILVA, 2002).

A questão dez, última pergunta do questionário, abriu espaço para arquivista acrescentar outras observações a respeito do trabalho de catalogação das fotos e sua resposta foi negativa. Sendo assim, supõe-se que não houve necessidade, pela inquirida, de acrescentar mais informações nessa pesquisa.

A seguir, em relação às fotografias selecionadas para este estudo, apresenta-se análise das palavras-chave atribuídas durante o processo de indexação realizado pelo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

## **5.2 Descritores: exame por categorias da metodologia específica**

O presente capítulo apresentou a análise qualitativa dos descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, na indexação das imagens fotográficas selecionadas para este estudo.

Mas, primeiramente, com objetivo de apresentar um panorama geral dos dados obtidos, notou-se que os descritores ora apareciam, ora não no metadado, específico, “descrição de conteúdo”. Além disso, os descritores também apareciam em outros metadados, como: “texto para etiqueta”, “temas”, “sub-temas” e “observações”. Além disso, também os descritores não tinham padrão, pois eram representados por palavras-chave ou por frases longas e curtas, ocasionando uma má indexação. Pode ser que essa desordem seja o resultado da rotatividade de vários profissionais pelo acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre, durante anos.

Contudo, foi observado que das 10 fotografias selecionadas, a maioria continha descritores que contemplavam mais de uma categoria. Por exemplo, de acordo com o Quadro 5, os descritores da figura 7 contemplaram cinco categorias informacionais da Metodologia de indexação de fotografias, proposta por Manini (2002): Quem, Onde, Quando, Sobre e Dimensão Expressiva. Porém, os descritores das fotografias 8 e 10

preencheram uma e duas categorias. Isso se explica pelas dificuldades enfrentadas pela equipe de indexação do acervo fotográfico, do Museu de Porto Alegre, como a falta de pesquisa sobre as fotografias e rotatividade de indexadores pelo acervo. Essas dificuldades resultaram em uma má indexação.

**Quadro 5 – Presença de descritores por categorias, da Metodologia de Manini (2002)**

Fotografia	Quem		Onde		Quando		Como		Sobre	Dimensão Expressiva
1			X			X				X
2		X	X	X		X			X	X
3	X	X	X			X				
4	X	X	X	X					X	
5	X			X		X				X
6	X	X					X			X
7	X	X	X	X	X	X			X	X
8			X							X
9	X	X	X	X		X			X	X
10	X	X								

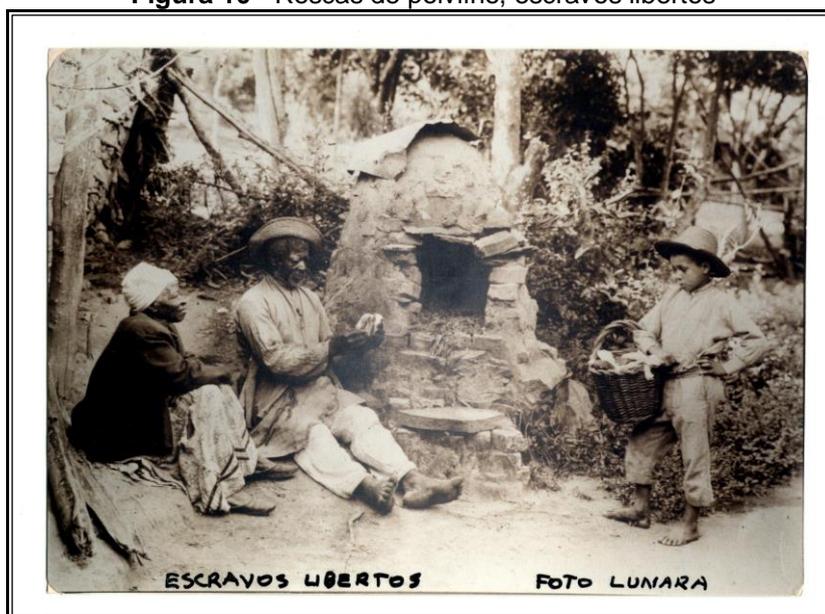
Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

A seguir, conforme as informações do Quadro 5, os descritores ou palavras-chaves, das dez fotos usadas na análise, foram separadas entre as categorias da metodologia de análise de imagens fotográficas, propostas por Manini (2002), de acordo com o quadro (4) apresentado na metodologia. A listagem completa de todas as imagens com seus respectivos descritores ou palavras-chaves estão disponíveis no Apêndice C.

### 5.2.1 Categoria Quem/O que

A categoria informacional “Quem/O que” consiste na identificação do objeto enfocado na fotografia, como: seres vivos, paisagem natural, construções e outros (SMIT, 1996). Porém, o referente de uma imagem pode ser especificamente ou genericamente identificado, mediante cruzamento da categoria informacional “Quem/O que” com as categorias “DE genérico” e “DE específico” (SHATFORD, 1986). Deste modo, a Figura 10 traz uma das fotos analisadas, nesta pesquisa, juntamente com as suas palavras-chaves atribuídas, pelo Museu de Porto Alegre.

**Figura 10 - Roscas de polvilho, escravos libertos**



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Assim, as palavras-chave dessa foto, atribuídas pelo Museu de Porto Alegre, que corresponderam com a categoria “Quem/O que genérico” foram: homem, mulher e criança, conforme o quadro abaixo (Quadro 5).

**Quadro 6 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

Categorias Informacionais				
Quem/O que	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Onde	Homem; Mulher; Criança;			
Quando				
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Isto é, o referente ou objeto enfocado de uma foto também tem a função de dar assunto, motivo e razão de ser da imagem (MANINI, 2002, p. 67). Assim, os descritores da foto (Figura 10), identificaram o seu referente, de modo genérico. Pois, eles não identificaram quem eram o homem, a mulher e a criança da fotografia.

Porém, observando mais um pouco essa mesma imagem (Figura 10), seria possível incluir outros descritores que complementassem sua indexação, quanto à categoria “Quem/O que genérico”, como: cesta e árvores. Pois, também aparecem, na fotografia, uma cesta e algumas árvores. Assim, quanto mais exaustiva for a indexação das fotografias no banco de imagens Donato 3.2, maior será a recuperação desse acervo, por parte dos usuários.

A próxima imagem (Figura 11) contém o descritor “Mercado Público”, o qual foi atribuído pelo Museu de Porto Alegre.

**Figura 11 – Mercado Público, vista do Largo do Paraíso**



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Esse descritor correspondeu à categoria “Quem/O que específico”, conforme é mostrado no quadro abaixo (Quadro 6).

**Quadro 7 - Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Quem/O que		Mercado público		
Onde				
Quando				
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Ou seja, a palavra-chave ou descritor “Mercado Público” refere-se a um mercado específico que está na imagem. Logo, é fundamental que o indexador tenha o conhecimento prévio ou o acesso as informações acerca do referente da fotografia. A fim de realizar uma indexação completa sobre ele.

Porém, no banco de imagens Donato, a essa palavra-chave “Mercado Público” não foi encontrada no metadado “Descrição de conteúdo” e sim, em outro metadado “Sub-temas”. O qual foi possível encontrar outras palavras-chaves relacionadas à categoria “Quem/O que específico”, por exemplo: Café Correa, Grande Hotel Nunez e Edifício Malakoff. Ou seja, quem indexou essa foto (Figura 11), identificou especificamente outros estabelecimentos comerciais retratados juntamente com o Mercado Público de Porto Alegre. Isso demonstrou o nível de conhecimento sobre o assunto indexado, pelo indexador.

Mas, observando a ficha de indexação das fotos selecionadas para essa pesquisa e os dados obtidos com o questionário, ficou visível a falta de padronização de indexação, das imagens fotográficas, no banco de imagens Donato 3.2. Pois, as palavras-chaves ora apareciam no metadado específico “Descrição de conteúdo”, ora não. Isso confirma o que disse a arquivista, durante o levantamento de dados, sobre ausência de uma política de indexação para o acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre, devido à rotatividade de pessoas no acervo. Conseqüentemente, a falta dessa política de indexação prejudicará a recuperação das fotografias no programa Donato 3.2.

### 5.2.2 Categoria Onde

A categoria informacional “Onde” representa a localização da imagem no espaço geográfico ou da imagem, por exemplo: São Paulo ou interior de danceteria (SMIT, 1996). Quanto à indexação das fotografias analisadas, as palavras-chave ou os descritores estão relacionados, em sua maioria, à indicação geográfica. Logo, a Figura 12 é sobre o Mercado Público de Porto Alegre e os seus descritores foram atribuídos pelo Museu de Porto Alegre.

**Figura 12 – Mercado Público**



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Os descritores “Rio Grande do Sul”, “Porto Alegre”, “Largo Glênio Peres” e “Praça Montevideo” informam a localização do referente da imagem. Isto é, o descritor

“Rio Grande do Sul” equivaleu com a categoria “Onde Genérico” e os demais descritores (Porto Alegre, Largo Glênio Peres e Praça Montevideo) corresponderam com a categoria “Onde Específico”, conforme o quadro abaixo (Quadro 7).

**Quadro 8 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Genérico</b>	<b>Específico</b>		
<b>Quem/O que</b>				
<b>Onde</b>	Rio Grande do Sul;	Porto Alegre; Largo Glênio Peres; Praça Montevideo;		
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Ou seja, esses descritores informam à localização do espaço geográfico do referente da imagem, Mercado Público, tanto abrangente, quanto específica. Então, neste caso, uso destas palavras-chave adicionam informações sobre a imagem, que não estão presentes nela, mas que fazem parte dela. Isso exige do indexador conhecimento ou estudo sobre o conteúdo do material que está indexando. Além disso, atribuição desses descritores é essencial para recuperação dessa foto no banco de imagens Donato 3.2.

### 5.2.3 Categoria Quando

A categoria informacional “Quando” faz referência à localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem. O resultado dos cruzamentos entre as categorias Quando e DE (genérico e específico), resulta nas subcategorias “Quando genérico” (a qual está relacionada ao tempo cíclico dos dias e das estações, exemplo: noite e verão). Já a categoria “Quando específico” (a qual está relacionada com o tempo linear, datas cronológicas, por exemplo: 1996) (SMIT, 1996). Assim, no banco de dados Donato 3.2 há um metadado exclusivo para a inclusão de dados referentes ao Quando Específico, como data ou período em que a foto foi tirada.

Deste modo, a maioria das fotos contém metadados referentes a categoria “Quando Específico”. Isto justificaria o fato de nenhuma das imagens analisadas possuírem palavras-chaves relacionadas com a categoria “Quando Genérico”. Assim, a Figura 13 traz um exemplo de imagem com descritor referente a esta categoria.

**Figura 13 – Retrato de Senhor**

Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

No Quadro 8, o descritor dessa imagem fotográfica “Início do século XX”, atribuído pelo Museu de Porto Alegre, equivaleu com a categoria “Quando Específico”.

**Quadro 9 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Quem/O que				
Onde				
Quando		Início do século XX;		
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Essa palavra-chave ou descritor está relacionado com o período em que a foto foi tirada. Portanto, o fato de nenhuma das fotos analisadas conterem descritores relacionados com a categoria “Quando Genérico”, pode ser explicado pelo fato de que nem sempre as fotografias trazem características do período do dia ou de alguma estação do ano, por exemplo. Quando as características, como noite e dia, estão presentes nas fotografias, passam despercebidas do olhar do indexador. Por sua vez, em relação ao banco de dados Donato 3.2, os usuários mais experientes com imagens fotográficas, que solicitassem fotos com esses detalhes, teriam dificuldades para encontrá-las.

#### 5.2.4 Categoria Como

A categoria informacional “Como” está condicionada a existência de seres vivos na imagem. Não existindo ser vivo ou seres vivos na imagem, não haverá descritores representando essa categoria informacional. Assim, o cruzamento da categoria informacional “Como” com as categorias informacionais DE Genérico e DE Específico resulta em: “Como Genérico” e “Como Específico”.

Logo, a categoria informacional “Como Genérico” descreve as ações, eventos, detalhes relacionados ao objeto focado (referente), de modo genérico. Por exemplo: morte, jogo de futebol, cavalo correndo ou criança trajando roupa do século XVIII. Porém, a categoria “Como Específico” descreve os eventos individualmente nomeados. Por exemplo: Pietá, Copa do Mundo 1994 e outros (SMIT, 1996).

Deste modo, com relação às fotografias analisadas, apenas a Figura 14 apresentou palavras-chave correspondentes com a categoria “Como”.

**Figura 14 – Retrato**



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Ou seja, no quadro (9), as palavras-chave “mãe em pé” e “criança sentada ao seu lado”, da Figura 14, atribuídas pelo Museu de Porto Alegre, contemplaram a categoria “Como Genérico”.

Quadro 10 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Quem/ O que				
Onde				
Quando				
Como	Mãe em pé; Criança sentada ao seu lado;			

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Esses descritores revelam ações relacionadas ao objeto focado (referente), quando este é um ser vivo, neste caso, mãe e criança. Normalmente, num banco de dados, esse tipo de informação será encontrado no metadado “legenda”. Porém, analisando a indexação das fotografias no banco de dados Donato 3.2, notou-se o uso ambíguo do metadado “descrição de conteúdo” pelos indexadores do Museu de Porto Alegre. Pois, para cada fotografia indexada, esse metadado continha palavras-chave ou legendas (frases longas).

Portanto, a categoria “Como” ficou sendo uma das menos utilizadas durante análise das fotografias, quanto à indexação realizada pelo Museu de Porto Alegre. Dessa forma, a falta de descritores relacionados com essa categoria prejudica a recuperação das fotografias no acervo, quanto as ações, eventos, detalhes ou eventos individualmente nomeados, quando o referente é um ser vivo.

#### 5.2.5 Categoria Sobre

A categoria informacional “Sobre” faz relação com o nível iconológico da imagem (significado intrínseco do conteúdo da imagem e atrelado aos aspectos culturais, sociais, filosóficos ou ideológicos do ambiente que a foto foi registrada). Contudo, essa categoria deve ser avaliada com cautela, pois conforme o perfil do indexador, ele pode veicular informações necessárias ou inúteis (SMIT, 1996).

Em outras palavras, a categoria informacional “Sobre” refere-se ao que não é, exatamente, a imagem, mas está na imagem. Além disso, essa categoria se distingue da categoria DE (genérico e específico) por ser subjetiva e de consenso limitado, devido à polissemia da imagem e ao repertório ou interpretação do indexador. Contudo, a categoria DE é mais objetiva e consensual, podendo ser classificada com

descritores mais concretos (MANINI, 2002). Assim, em relação às fotos examinadas, poucas possuem descritores relacionados à categoria “Sobre”.

Desta forma, a figura (15) é um exemplo de imagem com descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, referentes à categoria “Sobre”.

**Figura 15** - Exposição Estadual de 1901: Pavilhão Uruguaiana



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

No quadro (10), os descritores que contemplaram à categoria “Sobre” foram: História e Motivos decorativos.

**Quadro 11 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Quem/ O que			História; Motivos decorativos;	
Onde				
Quando				
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Ao comparar a imagem da figura (15) com os seus descritores, nenhum deles faz parte, objetivamente, da mesma. Todavia, eles estão relacionados com o seu significado intrínseco. Ou seja, como a imagem da foto é sobre a Exposição Estadual de 1901, realizada no Parque Farroupilha, um indexador, do Museu de Porto Alegre, associou o conteúdo da foto com o tema “História”. Sendo que, essa imagem retratada é sobre um fato histórico da cidade de Porto Alegre.

Por sua vez, o Museu de Porto Alegre atribuiu o descritor ou palavra-chave “Motivo decorativo”, o qual exigiu do indexador um conhecimento acerca do referente da imagem. Pois, caso o indexador não tivesse conhecimento sobre a decoração

arquitetônica do Pavilhão de Uruguaiana e sobre a Exposição Agroindustrial do Rio Grande do Sul, a indexação dessa foto ficaria incompleta.

Portanto, mesmo que as palavras-chave ou descritores “História” e “motivos decorativos” não estejam explícitos na imagem, Figura 15, cabe ao indexador obter conhecimento sobre o que está indexando e sobre o seu significado, bem como buscar fontes de informação fidedignas para a validação dos dados.

#### 5.2.6 Categoria Dimensão Expressiva

A categoria informacional “Dimensão Expressiva” está ligada aos detalhes técnicos adotados na produção da imagem, tais como: imagem (retrato, paisagem, fotomontagem, efeitos especiais), ótica (uso lentes objetivas fish-eye, grande-angular, teleobjetiva), luminosidade (luz diurna, noturna, contraluz) e outros. Além disso, essa categoria é fundamental para completar as informações sobre a imagem fotográfica (MANINI, 2002). De acordo com as fotografias analisadas, a maioria possui descritores que informaram detalhes técnicos, adotados na produção da imagem, como a Figura 16.

**Figura 16 – Retrato em grupo**



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Os descritores “retrato em grupo” e “retrato” atribuídos, pelo Museu de Porto Alegre, para essa imagem fotográfica, corresponderam com a categoria “Dimensão Expressiva” (Quadro 11).

Quadro 12 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
Quem/O que				Retrato em grupo; Retrato
Onde				
Quando				
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Esses dois contêm informações técnicas adotadas na produção da imagem fotográfica. Pois, a técnica de retrato consiste em descrever um sujeito ou uns sujeitos. Então, quanto à organização e recuperação das fotografias em acervos, os relacionados com as técnicas são fundamentais. Em outras palavras, usuários experientes em fotografias podem recuperar as imagens segundo as variáveis da Dimensão Expressiva.

Diante dessa análise apresentada, na próxima seção sugeriu-se uma metodologia de análise documentária de imagens para o acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

### 5.3 Metodologia de análise documentária para imagens fotográficas

Tanto as bibliotecas como os acervos fotográficos utilizam técnicas de descrição para os documentos. Porém, os procedimentos adotados para análise documentária de textos, não são os mesmo para as imagens fotográficas. Pois, a análise de imagens consiste em traduzir para uma linguagem verbal o aspecto visual de uma obra, como fotografias, pinturas e outros (MAIMONE; GRACIOSO, 2007, p. 3).

Diante disso, existem vários métodos diferentes para indexar as fotografias. As quais levam em consideração as características específicas das fotografias e enfatizam que a recuperação da informação nas imagens é totalmente diferente das fontes escritas, em razão da sua descrição e interpretação (FELIPE; PINHO, 2016). Por sua vez, nos acervos fotográficos, a análise documentária de fotografias tem por objetivo facilitar o acesso às imagens que melhor atendem às necessidades dos usuários. Nesse sentido, a pesquisadora Miriam Paula Manini evidenciou em seu contato com os centros de informação no Brasil, em que os acervos fotográficos necessitam adotar ou reformular métodos de indexação de fotografias (MANINI, 2002).

Em vista disso, pelo viés da Ciência da Informação, essa pesquisadora concebeu a grade de análise (Quadro 12) para descrição de qualquer tipo de fotografia, independentemente de sua origem histórica ou artística (MANINI, 2002).

**Quadro 13 – Grade de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)**

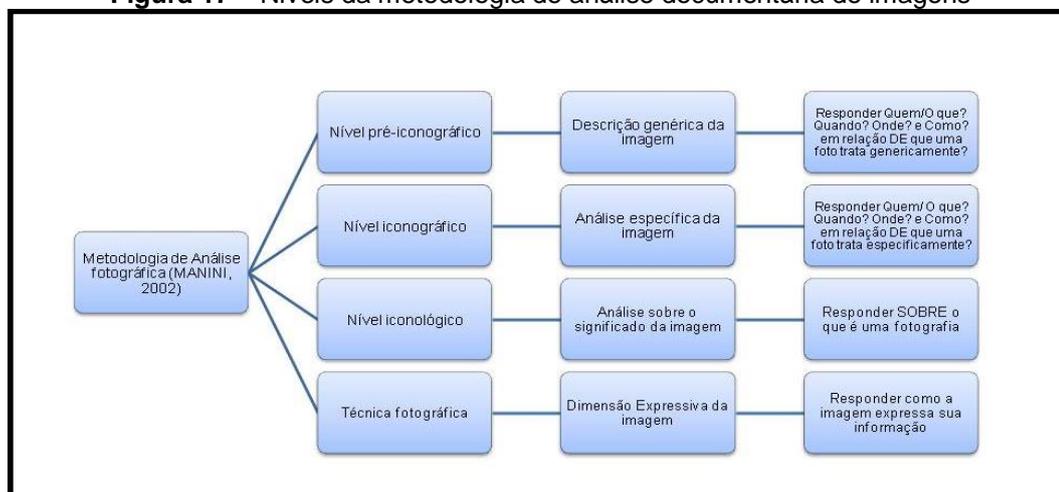
Categorias Informacionais				
	DE		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
QUEM/O QUE	→	→	↓	↓
ONDE	→	→		
QUANDO	→	→		
COMO	→	→		

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

De acordo com o Quadro 12, a descrição de uma imagem será iniciada com as respostas resultantes do cruzamento das categorias informacionais, da primeira coluna (QUEM/O QUE, ONDE, QUANDO E COMO) com as categorias “DE Genérico” e “DE Específico”. Ou seja, os cruzamentos entre as categorias informacionais, da primeira coluna e com a categoria DE, resultarão em oito novas subcategorias: Quem/O que genérico; Quem/O que específico; Onde genérico; Onde específico; Quando genérico; Quando específico; Como genérico e Como específico. Portanto, a metodologia proposta fornecerá dez categorias informacionais, que é a soma total das subcategorias com as categorias SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA. Isto é, esse processo fornecerá os descritores resultantes da indexação de uma imagem.

Por sua vez, de acordo com a Figura 17, essa metodologia de análise fotográfica compreende quatro níveis de descrição:

**Figura 17 – Níveis da metodologia de análise documental de imagens**



Fonte: Autor da pesquisa baseado em Manini (2002)

O primeiro nível pré-iconográfico, que trata sobre a descrição do conteúdo da imagem, consiste em responder quem, o que, quando, onde e como em relação àquilo DE que uma foto trata genericamente. Já o segundo nível iconográfico, faz uma análise mais profunda sobre o conteúdo da imagem, ao responder quem, o que, quando, onde e como com relação àquilo DE que uma fotografia trata especificamente. Logo, o terceiro nível iconológico, para analisar o significado da foto, é preciso responder SOBRE o que é uma fotografia. Por último, o quarto nível consiste em analisar as informações técnicas empregadas na criação da fotografia (MANINI, 2002).

Portanto, de modo geral, constatou-se que a metodologia de análise fotográfica, proposta por Manini (2002), é bastante relevante para o acervo estudado. Uma vez que, essa metodologia é um instrumento útil para o levantamento de palavras-chave ou descritores.

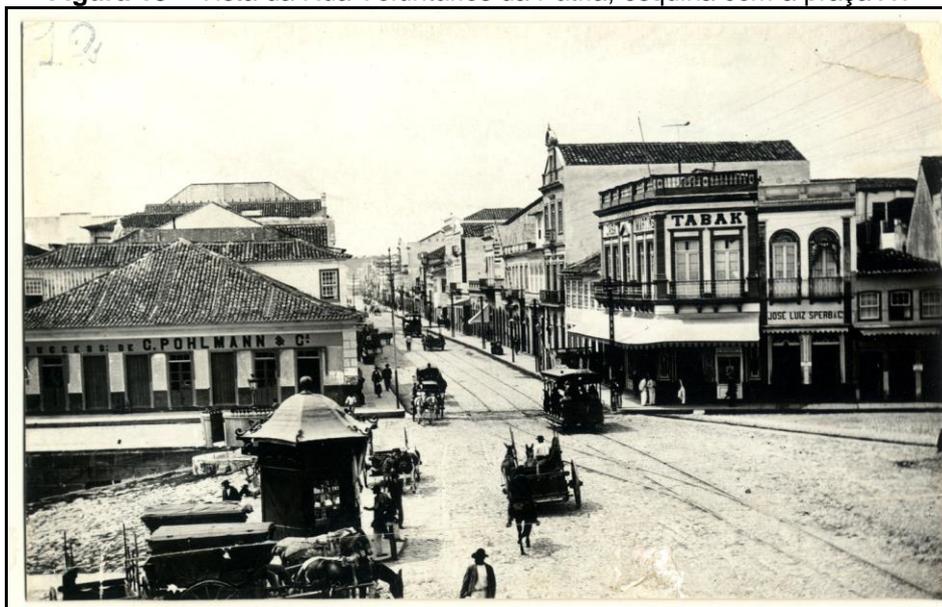
Entretanto, antes de utilizar essa metodologia de análise de imagem fotográfica, é importante realizar uma pesquisa sobre a foto. Pois, no tocante à imagem fotográfica, o indexador deve sempre observar o seu referente e obter informações sobre ele. Mas, em caso de ausência total de informações sobre o referente, análise descritiva de uma fotografia será somente de modo genérico (MANINI, 2002).

Assim, propõe-se que a equipe de indexação do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo tenha um conhecimento aprofundado sobre esse método de análise, a fim de usá-lo como base no processo de indexação. Também, é possível adaptá-lo conforme os objetivos da Instituição e das necessidades informacionais do seu público alvo. Além de tudo, esta medida contribuirá com a indexação das imagens, tornando-a mais completa.

### *5.3.1 Aplicação dessa metodologia em um caso concreto*

Após a sistematização das ideias expostas no decorrer deste capítulo, nessa seção, mostrou-se um exemplo prático de aplicação da metodologia de análise documentária de imagens fotográficas, proposta por Manini (2002). Também, solicitou-se a validade desse exemplo por um profissional de biblioteconomia. Desta forma, novamente apresentou-se a Figura 18, com os seus descritores atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, no metadado “Descrição de conteúdo”, do banco de imagens Donato 3.2.

**Figura 18 – Vista da Rua Voluntários da Pátria, esquina com a praça XV**



**Descrição de conteúdo:**

Paisagem urbana; vista parcial; diurna; Rio Grande do Sul; Porto Alegre; Rua Voluntários da Pátria; trilho de bonde; edificação comercial: sucess de C Pohlmann & Cia; José Luiz Sperb & Cia; edificação comercial: Casa Martins; Tabak; calçamento; iluminação elétrica; anúncio; quiosque; mirador; lampião; gradil; bonde; tração animal; carroça; tilburi; transeunte; trabalhador; homem; criança; cavalo.

Fonte: Museu de Porto Alegre (2019)

Em relação à imagem, acima, os seus descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, foram classificados por categorias informacionais da metodologia de análise fotográfica (Quadro 13). Porém, observando essa figura e seus descritores, com intuito de completar a sua descrição, atribuiu-se novos descritores equivalente com as categorias informacionais “Quando Genérico”, “Como Genérico” e “Como Específico”. Uma vez que, o Museu de Porto Alegre não adicionou nenhum descritor compatível com essas categorias informacionais.

Quadro 14 – Grade de análise documentária de imagens fotográficas

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Genérico	Específico		
<b>Quem/O que</b>	Calçamento; Quiosque; Mirador; Lampião; Gradil; Bonde; Carroça; Transeunte; Trabalhador; Homem; Criança; Cavalo;	Trilhos de bonde; Iluminação elétrica; Tração animal; Tilburi; Edificação comercial: Sucess de Pohlmann & Cia, José Luiz Sperb & Cia; Edificação comercial: Casa Martins, Tabak;	História; Meios de transporte; Anúncio;	Vista urbana; Vista parcial; Paisagem urbana; Diurna;
<b>Onde</b>	Rio Grande do Sul;	Porto Alegre; Rua Voluntários da Pátria;		
<b>Quando</b>	<b>Dia;</b>	4º quartel do século XIX; Década de 1880/1890;		
<b>Como</b>	<b>Pessoas circulando na rua;</b>			

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Ou seja, quanto ao Quadro 13, em relação à primeira categoria informacional “Quem/O que Genérico”, realizou-se a seguinte pergunta: “Quem/o que aparece genericamente na foto?” e as respostas para essa pergunta foram os descritores ou palavras-chaves, já existentes e que corresponderam com essa categoria, a saber: “calçamento; Quiosque; Mirador; Lampião; Gradil; Bond; Carroça; Transeunte; Trabalhador; Homem; Criança; Cavalo”.

Para a próxima categoria informacional “Quem/O que específico”, realizou-se a seguinte pergunta: “Quem/o que aparece especificamente na foto?” e as respostas para essa pergunta foram os descritores, já existentes: “trilhos de bonde; Iluminação elétrica; Tração animal; Tilburi; Edificação comercial: Sucess de Pohlmann & Cia, José Luiz Sperb & Cia; Edificação comercial: Casa Martins, Tabak”.

Em relação à categoria informacional “Onde genérico”, fez a seguinte pergunta: “Qual é a localização genérica da imagem no espaço geográfico?” e resposta para tal pergunta foi o descritor “Rio Grande do Sul”. Já para a categoria informacional “Onde específico”, perguntou-se “Qual é a localização específica dessa imagem no espaço?”

e as respostas foram os descritores equivalentes com essa categoria: Porto Alegre e Rua Voluntários da Pátria”.

Sobre a categoria “Quando Genérico”, questionou-se “Qual é a localização genérica da imagem no tempo?” Porém, para esta categoria informacional, conforme os descritores atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, não se encontrou nenhum descritor equivalente com essa categoria informacional e, com objetivo de completar a descrição da figura (18), adicionou-se o descritor “Dia”. Uma vez que, o tempo cíclico, da imagem (Figura 18), é de dia. Porém, quanto à categoria informacional “Quando Específico”, os descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, que responderam à questão “Qual é a localização específica da imagem no tempo?” foram: “4º quartel do século XIX; Década de 1880/1890”.

Em relação as categorias informacionais “Como Genérico” e “Como Específico”, o Museu de Porto Alegre não atribuiu palavras-chaves para essas duas categorias. Sendo assim, essa pesquisa atribuiu para a categoria informacional “Como Genérico” o descritor “pessoas circulando pela rua”, como resposta para a pergunta “Quais são as ações genéricas do objeto focado?” Isto é, de acordo com a imagem da figura (18), as pessoas retratadas estão executando ação de circular pela Rua Voluntários da Pátria.

Por sua vez, em relação à categoria informacional “Sobre”, os descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, que responderam à questão “Sobre o que é a imagem?” foram: “História; Meios de transporte; Anúncio”.

Por último, em relação à categoria informacional “Dimensão Expressiva”, os descritores, atribuídos pelo Museu de Porto Alegre, que responderam à pergunta “Quais as técnicas foram empregadas na imagem?” foram: “Vista urbana; Vista parcial; Paisagem urbana; Diurna”.

Em suma, o exercício de preenchimento da grade não é fácil, embora seja simples. Pois, de modo geral, essa grade (Quadro 13), é uma ferramenta para o levantamento de descritores ou palavras-chave, que se baseia na imagem ou no repertório do indexador. Porém, o ideal é que esse levantamento de descritores seja de acordo com as informações concretas provenientes da imagem fotográfica ou do seu referente (MANINI, 2002).

## 6 CONSIDERAÇÕES

Este estudo buscou analisar a indexação de imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, de acordo com os requisitos definidos pela literatura. De acordo com a metodologia de análise de imagens fotográficas, de Manini (2002), pode-se mapear as características de indexação empregadas neste acervo fotográfico. Dentre as categorias informacionais da metodologia de análise documentária de imagens, as mais contempladas durante o processo de indexação das fotografias analisadas, foram “Quem/O que”, “Onde”, “Quando” e “Dimensão Expressiva”. Isto é, as fotos selecionadas para este estudo, as quais foram indexadas pelo Museu de Porto Alegre, receberam descritores sobre informações específicas a respeito do objeto enfocado (o referente da foto), a localização desse referente na imagem e informações técnicas empregadas na criação da fotografia.

Em relação aos objetivos específicos propostos neste estudo, todos eles foram satisfatoriamente alcançados. Pois, o primeiro objetivo específico buscou identificar as necessidades de organização de imagens do acervo fotográfico, pertencente ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, por meio de um questionário. O qual permitiu identificar, primeiramente, que o acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre possui imagens riquíssimas e importantes para a reconstrução histórica da capital do Rio Grande do Sul, sobre seu povo, quanto aos fatos sociais, culturais, arquitetônicos e outros. Outros aspectos positivos evidenciados sobre organização desse acervo foram: a digitalização das imagens fotográficas e sua migração para outro banco de imagens, software Pergamum (em breve); o desenvolvimento de um vocabulário controlado (em fase de construção) e qualidade profissional da equipe de indexadores. Porém, as dificuldades presenciadas sobre a organização do acervo foram: escassez de recursos financeiros e humanos, as quais afetam a qualidade de desenvolvimento das coleções fotográficas, bem como os serviços prestados para o seu público. Pois, a falta de recurso financeiro impede novas contratações de profissionais técnicos para pesquisar as imagens desse acervo e ampliação da equipe de indexadores. Assim como, aquisição de novas imagens e manutenção do espaço físico desse acervo fotográfico. Por último, a falta de adesão de metodologia de análise documentária de imagens, de acordo com a literatura específica sobre o assunto.

Em relação ao segundo objetivo específico desse estudo, que foi analisar os descritores atribuídos durante o processo de indexação, por meio de uma metodologia

de análise de imagens fotográficas específica, foi cumprido. Pois, quanto ao metadado “descrição de conteúdo”, do banco de imagens Donato 3.2, foi possível analisar os descritores atribuídos durante o processo de indexação das imagens do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre. Com o apoio da metodologia de análise documentária de imagens fotográficas (MANINI, 2002), pode-se realizar o mapeamento das características de indexação encontradas neste acervo fotográfico. De acordo com essa metodologia específica de análise fotográfica, dentre as categorias informacionais mais usadas foram: “Quem/O que”, “Onde”, “Quando” e “Dimensão Expressiva”. Isto é, os descritores, que corresponderam às categorias informacionais “Quem/O que”, “Onde” e “Quando”, descreveram o referente da imagem, assim como sua localização no espaço e no tempo, de forma tanto genérica, quanto específica. Além disso, foram encontrados descritores que equivaleram à categoria informacional Dimensão Expressiva. Os quais descreveram as técnicas adotadas na produção das imagens, em análise.

No que diz respeito ao terceiro objetivo específico, que foi propor uma metodologia de indexação de fotografias, de acordo com as necessidades de indexação do acervo fotográfico estudado, foi concluído. Ou seja, a partir das respostas obtidas com o questionário e dos descritores coletados, pode-se propor a metodologia de análise documentária de imagens fotográficas, de Manini (2002). Em suma, percebeu-se que essa metodologia é bastante relevante para o acervo estudado. Recomenda-se, assim, que os indexadores tenham um conhecimento completo sobre ela e que a adotem como base no processo de indexação. Do mesmo modo que, adaptem-na, se for necessário, a fim de atender as necessidades de indexação do acervo e as necessidades de informação dos usuários. Sem dúvida, esta medida tornará a indexação mais completa das imagens.

Por fim, o quarto objetivo específico consistiu em validar esse o modelo de indexação. Para isso, o autor desse trabalho realizou novamente a indexação de uma das fotos selecionadas para esta pesquisa. A fim de validar essa metodologia, com uma profissional especialista em Biblioteconomia, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Durante o percurso metodológico adotado para este estudo, foram notadas as dificuldades de padronização dos dados nos metadados do software Donato, quanto aos descritores. Uma vez que, esses dados ora apareciam no metadado “descrição

de conteúdo”, ora apareciam em outros metadados não específicos para isso. Inclusive, não havia um padrão sobre os descritores, que ora eram representados por palavras-chave, ora por frases. Também, o metadado “descrição de conteúdo” era usado equivocadamente para atribuição de legenda. Assim, essas dificuldades são resultantes da ausência de uma política de indexação. Isto é, soube-se durante o processo de coleta de dados, que os indexadores do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre não adotaram nenhuma política de indexação, ainda. Por esse motivo, no presente trabalho optou-se por não abordar esse assunto. Porém, esta pesquisa reconheceu a importância de uma política de indexação para padronizar o processo de indexação do acervo fotográfico. Também se percebeu a necessidade de especialização e a atualização constante, por parte dos profissionais responsáveis pela indexação do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre. Dado que, os profissionais que realizam tal atividade devem ter em mente os desafios de descrever o conteúdo desse tipo de documento, fotografias, em relação aos documentos escritos. Assim, pode-se contribuir com os processos de análise documentária de imagens, pertencentes aos acervos fotográficos, com valor histórico, documental e patrimonial, a fim de recuperá-las em banco de dados de imagens, tanto local, quanto *online*.

Para trabalhos posteriores, sugere-se a realização de mais pesquisas sobre o tratamento técnico para os acervos fotográficos, bem como propor um modelo de política de indexação para os acervos que não o possuem. Ou seja, a fim de alertar a comunidade acadêmica do curso de Biblioteconomia e afins sobre a necessidade de tratar sobre os temas, indexação e política de indexação de acervos fotográficos.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. C. DE. **A Classificação de documentos fotográficos**: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103378>. Acesso em: 20 set. 2018.
- ALVES, J. R. **Patrimônio**: gestão e sistema de informação. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte). – Programa de Pós-Graduação Interunidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARAUJO, V. M. R. P. DE. Sistemas de recuperação da informação: uma discussão a partir de parâmetros enunciativos. **TransInformação**: Campinas, 24(2):137-143, maio/ago., 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n2/a06v24n2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca Digital Mundial (WDL) lança novo lote de imagens da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/07/biblioteca-digital-mundial-wdl-lanca-novo-lote-imagens>. Acesso em: 20 set. 2018.
- BRIZOLARA, M. L. S; FELIPE, C. B. M. A viabilidade da metodologia de Sara Shatford para a indexação de fotografias: o acervo fotográfico da Escola de Música da UFRN. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: São Paulo, v. 13, p. 2165-2180, n. esp. CBBB, 2017.
- CAVALCANTI, C. R. **Indexação & tesouro**: metodologia & técnicas. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1978.
- CARLAN, C. U. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. **História**: São Paulo, v. 27, n. 2, 2008.
- CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas, instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: São Paulo, v. 21, n.1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988. Disponível em: [www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=19202](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=19202). Acesso em: 23 set. 2018.
- CLARÍN. **Archivo**, 2018. Disponível em: [https://www.clarin.com/ciudades/fotogaleria-puentes-riachuelo\\_5\\_Byh\\_e4WYXhtml](https://www.clarin.com/ciudades/fotogaleria-puentes-riachuelo_5_Byh_e4WYXhtml). Acesso em: 20 set. 2018.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **O Código de Ética para Museus**, 2009. Disponível em: [http://www.icom.org.br/?page\\_id=30](http://www.icom.org.br/?page_id=30). Acesso em: 20 set. 2018.
- DIAS, A. P. **A cor na fotografia**: reflexão sobre a evolução histórica e ensaio prático. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Design e Cultura Visual) – Instituto de Arte, Design e Empresa, Universidade Europeia, Portugal, 2016.
- ENSER, P. Visual image retrieval. **Annual Review of Information Science and**

**Technology**, v. 42, p. 3-91, 2008.

FELIPE, C. B. M; PINHO, F. A. Análise dos aspectos sociocognitivos durante a Indexação de fotografias. **PÁGINAS A&B**: Porto (Portugal), v.3, n.5, p. 76-86, 2016.

FERNEDA, E. **Recuperação de informação**: análise sobre a contribuição da Ciência da Computação para a Ciência da Informação. 2006. 137 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREITAS, G. P. **Dos bancos de imagem às comunidades virtuais**: configurações da linguagem fotográfica na internet. 2009. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **RDBCI**, v.1, n.1, p. 60-90, jul./dez. 2003.

FUJITA, M. S. L. **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias [recurso eletrônico]. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2009. 154 p.

GERHARDT, T. E. *et al.* **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GUINCHAT, C; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993.

LEMOS, V. Quatro importantes museus brasileiros que fecharam as portas por problemas estruturais. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45406267>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LOPES, I. L. Diretrizes para uma política de indexação de fotografias. *In*: MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira (Org.). **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. v. 4, p. 199-214.

MAIMONE, G. D; KOBASHI, N. Y; MOTA, D. A. R. Indexação: teoria e métodos. **Tópicos para o ensino de biblioteconomia**, São Paulo, v.1, p.73-85, 2016. Disponível em: <http://bdpi.usp.br/item/002749723>. Acesso em: 21 ago. 2018.

MAIMONE, G. D; GRACIOSO, L. DE S. Representação temática de imagens: perspectivas metodológicas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n.1, p. 3, jan./jun. 2007.

MAIMONE, G. D; KOBASHI, N. Y; MOTA, D. A. R. Indexação: teoria e métodos. **Tópicos para o ensino de biblioteconomia**, São Paulo, v.1, p.73-85, 2016. Disponível em: <http://bdpi.usp.br/item/002749723>. Acesso em: 21 ago. 2018.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de literatura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARCONDES, M. **Conservação e preservação de coleções fotográficas**. *Histórica*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-13, abr. 2005. Disponível em: [http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao01/materia02/conservacao\\_de\\_colecoes.pdf](http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao01/materia02/conservacao_de_colecoes.pdf). Acesso em: 02 set. 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MAYA, E. E. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008

MICHAELIS: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fotoalergia/>. Acesso em: 19 set. 2018.

MOOERS, C. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. **American Documentation**, v.2, n.1, 1951, p.20-32.

MORGUEFILE. Morguefile, 2018. Disponível em: <https://morguefile.com/quest/1>. Acesso em: 20 set. 2018.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO. **História Institucional**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.museudeportoalegre.com/historia/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p\\_secao=278](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=278). Acesso em: 20 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. F DE. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

- PAGANOTTI, C. **Evolução e revolução do suporte fotográfico**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PEREIRA, C. O retoque do negativo fotográfico: estudo de uma coleção do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. *In*: PEREIRA, C. **Estudos de Conservação e Restauro**, Lisboa (Portugal), n.2, p. 38-57, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/ecr/article/view/3153>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- PINHEIRO, A. C. L; PEREIRA, D. D; CARNEIRO, G. B. A importância do museu para a preservação da memória cultural: uma análise no Memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, out. 2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/1998/1275>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- RODRIGUES, R. C. **Análise e tematização da imagem fotográfica**: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Brasília, Brasília, 2011.
- RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1167>. Acesso em: 19 set. 2018.
- ROWLEY, J. **Abstracting and indexing**. 2.ed. London, Clive: Bingley, 1988.
- SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspec. Ci. Inf*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SHATFORD, S. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.
- SILVA, R. R. G. DA. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais**: tecnologia e consciência no universo digital. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.
- SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. Disponível em: <http://amormino.com.br/livros/20140704-analise-documentaria.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p. 18-21.

SOUZA, R. R. Sistemas de recuperação de informações e mecanismos de busca na web: panorama atual e tendências. **Perspect. Ciênc. Inf**, Belo Horizonte, v.11 n.2, p. 161 -173, mai./ago. 2006.

SUANO, M. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SUPER INTERESSANTE. Linha do tempo: a história dos latino-americanos em Hollywood. **Revista Super Interessante**, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ideias/linha-do-tempo-a-historia-dos-latino-americanos-em-hollywood/>. Acesso em: 20 set. 2018.

TONELLO, I. M. S; MADIO, T. C. de C. A fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 01, p. 77 – 93, jan./abr. 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASQUEZ, P. K. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 15.

## APÊNDICE A – Questionário aplicado ao Museu de Porto Alegre

Data de preenchimento do questionário:

Nome completo:

Sexo: Masculino (  ) Feminino (  )

Local de trabalho:

Profissão:

Tempo de formação e atuação profissional no local de trabalho?

- 1) Quem e qual é a formação dos profissionais responsáveis pela formação do acervo fotográfico do Museu?
- 2) Quantas pessoas realizam a indexação de imagens e qual é formação profissional das mesmas?
- 3) Quais os modos de aquisição das imagens adquiridas pelo Museu (compra, doação, empréstimo ou outro)?
- 4) O Museu utiliza alguma metodologia de análise documentária de imagens fotográficas, de acordo com a literatura:
  - a) Sim (  ) Qual?
  - b) Não (  ) Por quê?
- 5) Quais são os metadados específicos utilizados para indexação das imagens no Donato?
- 6) Quais são as dificuldades para indexar as fotografias no banco de dados Donato?
- 7) As imagens fotográficas são indexadas por grupo ou de forma individual?
- 8) Existe um vocabulário controlado para realizar a indexação das imagens (como tesouro, cabeçalho de assunto, CDD, CDU ou outros)?
- 9) De que forma o Museu disponibiliza as imagens indexadas para consulta:
  - a) Internet e consulta Local (  )
  - b) Somente por consulta local (  ). Por quê?
- 10) De maneira geral, gostaria de acrescentar mais algum comentário a esse questionário?

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento

**Termo de Consentimento para Pesquisa de Campo**

A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a entrevistar os responsáveis pela indexação de imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Pretende-se investigar *A indexação de imagens fotográficas do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo contempla os requisitos definidos pela literatura para a recuperação desse tipo de documento e tem por base uma metodologia de indexação de fotografias?*

Para este fim, os sujeitos serão entrevistados em seus postos de trabalho. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são o aluno Marcelo Hass Riboni (Graduando em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS) e o professor Rene Faustino Gabriel Junior (FABICO/UFRGS) que se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente por meio de telefone \_\_\_\_\_ ou pelo e-mail \_\_\_\_\_.

Após, ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas,

Eu \_\_\_\_\_ manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa descrita acima.

---

Assinatura do participante

---

Marcelo Hass Riboni

## APÊNDICE C – Análise qualitativa dos descritores das fotográficas selecionadas

Figura 1- Retrato em grupo



Fonte: Museu de Porto Alegre (2019).

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>				Retrato em grupo; Retrato
<b>Onde</b>	Estúdio			
<b>Quando</b>		Século XIX		
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 2 - Mercado Público



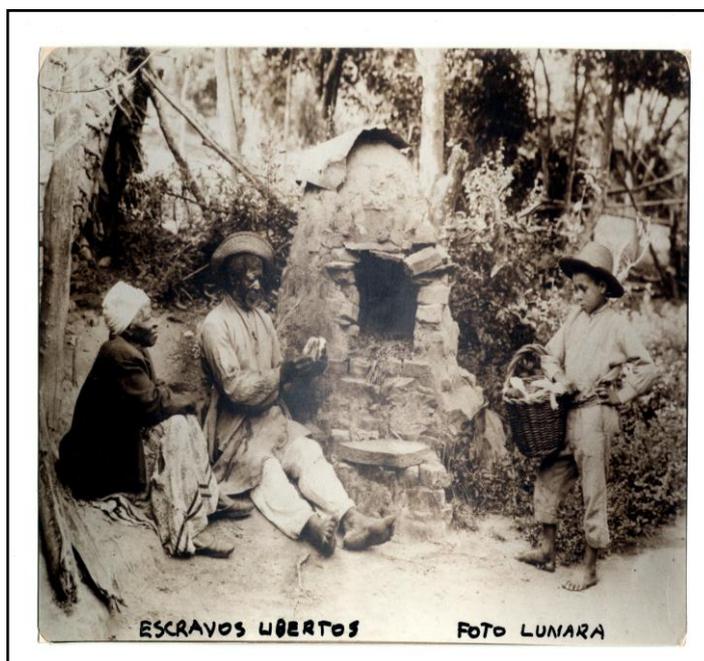
Fonte: Museu de Porto Alegre (2019).

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.		
<b>Quem/ O que</b>		Mercado público;	História; Usos e costumes;	Vista do Largo do Paraíso; Vista urbana;
<b>Onde</b>	Rio Grane do Sul;	Porto Alegre; Avenida Borges de Medeiros; Avenida Júlio de Castilhos; Café Correa; Grande Hotel Nunez; Malakoff; Edifício Malakoff;		
<b>Quando</b>		Década de 1990; Início do século XIX;		
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 3 - Roscas de polvilho, escravos libertos



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>	Negros libertos; Homem; Mulher; Criança; Um casal; Uma criança;	Roscas de polvilho; Forno de barro;		
<b>Onde</b>	Paisagem rural;			
<b>Quando</b>		1º quartel do século XIX; Década de 1900;		
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 4 - Exposição Estadual de 1901



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>	Casa; Arvore; Jardim; Banco;	Exposição Estadual de 1901; Pavilhão Uruguaiana;	História; Motivos decorativos;	Vista urbana;
<b>Onde</b>	Rio Grande do Sul; Várzea; Campos de várzea;	Porto Alegre; Parque Farroupilha; Parque da Redenção		
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 5 - Retrato de senhor



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>	Foto de um senhor;			Retrato;
<b>Onde</b>		Atelier Barbeitos;		
<b>Quando</b>		Início do século XX;		
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 6 - Retrato



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.		
Quem/O que	Criança;	Mãe;		Retrato; Carbinet Portrait;
Onde				
Quando				
Como	Mãe em pé; Criança sentada ao seu lado;			

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 7 - Mercado Público



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

Categorias Informacionais				
	DE		Sobre	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.		
Quem/ O que	Parada de ônibus; Canteiro; Estacionamento; Automóvel; Carroça; Homem; Transeunte; Cavalo;	Mercado Público; Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Bonde elétrico;	História; Meios de transporte; Anúncio; Arborização urbana;	Vista urbana; Vista parcial; Diurna;
Onde	Rio Grande do Sul;	Porto Alegre; Largo Glênio Peres; Praça Montevideo;		
Quando		3º quartel do século XX; Década de 1950;		
Como				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 8 - Retrato



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>		Di primo Becker;		Retrato;
<b>Onde</b>				
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 9 - Vista da Rua Voluntários da Pátria



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>	Calçamento; Quiosque; Mirador; Lampião; Gradil; Bonde; Carroça; Transeunte; Trabalhador; Homem; Criança; Cavalo;	Trilhos de bonde; Edificação comercial: sucess de Pohlmann & Cia, José Luiz Sperb & Cia; Edificação comercial: Casa Martins, Tabak; Iluminação elétrica; Tração animal; Tilburi;	História; Meios de transporte; Anúncio;	Vista urbana; Vista parcial; Diurna; Paisagem urbana;
<b>Onde</b>	Rio Grande do Sul;	Porto Alegre; Rua Voluntários da Pátria;		
<b>Quando</b>		4º quartel do século XIX; Década de 1880/1890;		
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

Figura 10 - Esmeralda Grupo Carnavalesco



Fonte: Museu de Porto Alegre

Metodologia de análise de imagens fotográficas de Manini (2002)

<b>Categorias Informacionais</b>				
	<b>DE</b>		<b>Sobre</b>	<b>Dimensão Expressiva</b>
	<b>Gen.</b>	<b>Esp.</b>		
<b>Quem/O que</b>	Grupo carnavalesco;	Idalina Mariante da Costa; Rainha do grupo Esmeralda;		
<b>Onde</b>				
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: (MANINI, 2002, p.105, adaptado pelo autor)

## ANEXO A – Termo de Concessão de Fotos do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo



Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo  
Fototeca Sioma Breitman  
[www.museudeportoalegre.com.br](http://www.museudeportoalegre.com.br)

### TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE REPRODUÇÕES DE FOTOGRAFIAS DO ACERVO DO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) do CPF nº \_\_\_\_\_,  
na qualidade de ( ) pessoa física ( ) representante legal  
do(a) \_\_\_\_\_ CNPJ nº \_\_\_\_\_,  
domiciliado à \_\_\_\_\_.

**DECLARO:**

a) Utilizar as reproduções do acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo cujas referências vão relacionadas na página em anexo para única e exclusiva reprodução em:

\_\_\_\_\_;

b) Estar de acordo em mencionar o crédito ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo por ocasião da sua utilização na forma: "Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Crédito do fotógrafo";

c) Assumir o compromisso de não comercializar e utilizar as imagens em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na presente solicitação e não repassar a terceiros as reproduções que me foram cedidas;

d) Preencher novo termo de responsabilidade em caso de utilização diversa, das reproduções objeto deste termo;

e) Assumir inteira e exclusiva responsabilidade, no âmbito civil e penal, pela utilização das reproduções a qualquer tempo, bem como por danos materiais ou morais que possam advir do uso das reproduções fornecidas e das informações nelas contidas, de acordo com o previsto na Lei nº 9610/1998 (Lei de Direitos Autorais); nos art. 138 e 145 do Código Penal, que prevêem os crimes de calúnia, injúria e difamação; e no art. 5º, inciso X, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, relativos à difusão de informações obtidas que, embora associadas a interesses particulares, digam respeito à honra e à imagem de terceiros, eximindo o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo de qualquer responsabilidade;

f) Obter diretamente com os autores e/ou retratados autorizações relativas a direitos autorais e de imagem, quando pertinente;

g) Estar ciente do pagamento de retribuição, de acordo com as finalidades declaradas no item "a", e dos valores pré-determinados.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Solicitante

\_\_\_\_\_  
Representante do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo